

Cada numero contém sempre uma obra completa

N.º 35

A NOVELLA POPULAR

Preço 60 rs.



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta ~ ~

O trapeiro de Paris



O craneo da mulher despedaçou-se de encontro ás lages...

Redacção e administração de A NOVELLA POPULAR, Rua Ivens, 11 e 13—Lisboa • • • • •

Editor e proprietario: F. A. de Miranda Sousa • • • • •

Composição e impressão na TYP. LUSITANA EDITORA, Rua Ivens, 11 e 13, pertencente ao editor

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilegios

Os Amores e o culto de Satanaz

TITULO DOS CAPITULOS

PRIMEIRA PARTE, O culto de Satanaz: —I origens e progressos dos mysterios. —II A Demonomania dos antigos. —III As seitas hereticas e as suas ceremonias. —IV Festas licenciosas do seculo xii. —V Vultos e malefícios consagrados. —VI Profanações dos seculos xiv e xvi. —VII As missas e ceremonias escandalosas do seculo xvi. —VIII Assembléas satânicas. —Missas negras dos feitiçeiros. —IX Malefícios, sortilegios, sacrilegios e missas negras do seculo xvii. —X Os convulsionarios e as suas doutrinas singulares. —XI O Templo da Maçonaria Egyptica —Capitolo. —XII Cerimonias sacrilegas da Revolução. —XIII Missas negras modernas.

SEGUNDA PARTE, Os amores de Satanaz: —I Torpezas dos grandes senhores e do clero. —II Costumes dissolutos dos reis francos e dos bispos da Eglise Média. —III Costumes publicos e privados a partir do seculo xi. —Os possesores demoniacos. —IV As possesões de Loudun e Louviers. —V Os vícios dos seculos xvii e xviii. —VI Os possesores de Morzina.

600 réis

Um grosso e elegante vol. in-8.º gr.

réis 600

A VIDA D'AVENTURAS

TEXAS JACK

O TERROR DOS INDIOS



TEXAS JACK, cujas aventuras, combates, triumphos e soffrimentos estão sendo inseridos na *Vida de Aventuras*, que acabamos de lançar a publico n'uma edição esmerada e economica, é o heroe do dia na Grande America.

TEXAS JACK Não existe um americano que deixe de p'ofereir tal nome com altivez e veneração.

TEXAS JACK, ha muito já que a fama do celebre aventureiro corre mundo sendo o nome do audacioso *gaúcho* proferido com o respeito e admiração devida aos heroes.

TEXAS JACK! Por tal designação se tornou universalmente conhecido Jack Hawkins, que durante muitos annos habitou a moradia do pae adoptivo, a modesta herdade situada nas margens do rio North-Canada onde fora recolhido como enci-tado. Educado ali, na floresta virgem, nas proximidades das savanas extensas, theatro das façanhas dos Indios, Jack tornou-se rapidamente um soberbo e herculeo corredor de bosques, cuja coragem, força physica e destreza provocaram, com leguas em redor, o entusiasmo e a admiração!

Aos 16 annos Texas Jack era o mais fino cavalleiro, o mais destro atirador e o mais intrepido caçador de Indios.

Foi, quando contava tal idade, que os Pelles Vermelhas atacaram uma noite a herdade e a incen-tariam, depois de chacinar os moradores. Texas Jack conseguiu escapar a carnificina e, n'essa hora tragica, quando viu assassinados quanto lhe eram caros, quando viu desfeitas todas as suas illusões de mocidade, jurou sobre as ruinas fumegantes tirar de todos os Pelles Vermelhas terrivel vingança!

E cumpriu o juramento como adolescente, como homem e como velho.

A *Vida de Aventuras* publica-se em n'ums os quizenaes, formato 8.º gr., typo novo e excellente papel, contendo cada um **UMA OBRA COMPLETA** ao preço de **60 réis** cada numero.

Obras publicadas:

N.º 1 Um heroe de desesesa annos. N.º 2 Os corvos da California. N.º 3 Mulher Demonio. N.º 4 O massacre de Camp-Lancaster. N.º 5 O ultimo rei dos Comanches. N.º 6 Os pesquisadores d'ouro de Arizona. N.º 7 Texas Jack, policia. N.º 8 O castello mysterioso. N.º 9 O segredo do caçador. N.º 10 Desforra sangrenta.

NO PRELO

O Martyrio da virgem loira, A vingança do Mormon, Corrida para a morte, etc.

Cada serie de 10 numeros (pagamento adeantado) 600 réis.

O TRAPEIRO DE PARIS

por A. CONAN DOYLE

CAPITULO I

O crime da mulher perdida

Atravez das ruas do bairro de S. Germain em Paris caminhava um velho tropego.

Os primeiros raios de sol esforçavam-se debalde por despedaçar a muralha de nuvens que se erguia sobre o horizonte.

A' luz dubia d'essa madrugada, o vulto do ancião tinha qualquer coisa de phantastico. Dir-se-hia uma alma do outro mundo.

Contemplando-lhe porem a physionomia rugosa, não era difficil reconhecer n'elle uma victima do alcool, um homem estragado pelo abuso da aguardente e dos espirituosos.

De magreza horrivel, o peso dos annos vergára n'elle a espinha dorsal, fazendo uma figura grotesca de quem porventura antigamente fôra esbelto. As faces eram acobreadas, o nariz verrugoso, semelhante a um pedaço de basalto vermelho escavado e corroído pela acção do mar, e os olhos dum azul acinzentado, constantemente humidos.

E comtudo, não era o que se chama repellente aquella figura de velho.

Tinha até qualquer coisa de amovel, e muito pintor o invejaria decerto para modelo, afim de fixar os traços singulares d'aquella cabeça n'um esboço preparatorio de um grande quadro futuro, que poderia muito bem intitular-se: O trapeiro de Paris.

O tio Carousse era com effeito trapeiro de profissão.

Pertencia a essa immensa classe cujos membros

contam em Paris muitas centenas de pessoas, as quaes examinam cuidadosamente o lixo da grande cidade, a vêr se no meio d'elle não haverá ainda qualquer coisa aproveitavel.

Recolhem com especialidade os trapos e papeis velhos, que vendem depois aos agentes das fabricas de papel.

E' verdade que nos ultimos tempos tem esta industria tido enormes progressos. Hoje podem-se abater florestas inteiras, e dos troncos das arvores fabrica-se papel, comtudo o de melhor qualidade é ainda feito de trapo.

N'aquella manhã trazia o tio Carousse o seu sacco ás costas, e ao passo que o segurava com a mão esquerda, apoiava a direita a uma bengala de que todos os trapeiros se servem para remexer os montes de lixo.

Nem no verão nem no inverno usava qualquer chapéu ou bonet.

A cabeça, protegia-lh'a naturalmente a sua enorme cabelleira nevada.

Quanto ao vestuario, era este sem duvida composto de peças encontradas entre os montes de trapo.

Trazia um casaco amarello escuro, achado em qualquer canto do bairro de S. Germain, no qual não era difficil reconhecer ter pertencido outr'ora a um automobilista.

Duas thesouradas tinham adaptado eesa pega de de vestuario á sua actual cathegoria.

As calças azues tinham em tempo pertencido a um brioso offiz de marinha.

Só a camiza parecia ter sido adquirida legalmente. Talvez que o velho a comprasse em qualquer adelo de Batignolles, onde costumam fornecer-se os trapeiros.

O tio Carousse assobiava despreocupadamente uma canção brejeira. Tinha bebido a costumada dose de absintho, e encontrava-se naturalmente de bom humor.

Dirigia-se de um monte de lixo para outro, examinando os com a consciencia de um naturalista.

N'aquelle dia a colheita não tinha corrido bem.

Um lenço, denunciando ainda com intensidade um perfume de *boudoir*, um par de meias de seda, que uma cosinheira da alta roda tinha deitado fóra, e uma panela velha, que poderia quando muito valer ainda dois ou trez *sous*, constituíam os achados que o tio Carousse fizera n'aquella hora de pesquizas, apárte alguns trapos e papeis destinados á fabrica.

—Maus tempos! Maus tempos! cantarolava o velho. Que a humanidade já não é tão leviana, nota-se bem quando se está n'esta profissão.

«Quando me lembro das coisas que se achavam antigamente aqui no bairro de S. Germain, ou n'outro qualquer bairro elegante de Paris... Colhêdes de prata, aneis, esquecidos na agua de lavagens; até dinheiro e joias se encontravam!

«Então ainda merecia a pena ser trapeiro...

«Hoje, mal chega para o absintho. Raio de vida!

O tio Carousse parou em frente de um monte de lixo, e começou a remexê-lo com a bengala. Ao mesmo tempo contemplava as janellas de uma casa nobre, cujas cortinas estavam ainda corridas.

—Os felizes da terra dormem ainda, continuou elle no seu soliloquio.

«Embededam-se com champagne e não comaguardente.

«Aquillo é obra mais fina.

«Tambem não lhes tenho inveja por causa d'isso. Bebedeira é bebedeira, seja com vinho fino ou com o que fôr.

«E além d'isso, resta saber se uma *perúa* de champagne me agradaria tanto como de absintho.

«A gente não larga com facilidade aquillo a que se habitua.

«De resto, sabe Deus se aquelles que n'este momento dormem lá dentro, não terão de andar um dia pelas ruas de Paris, a juntar trapos velhos...

«Deu-se o caso commigo...

Já houve tempo em que eu vestia sobrecasaca e calçava bota de polimento, e tinha muita *massa* na algibeira...

«O diabo foi o vinho e as mulheres. E as estroinices que a gente faz n'este mundo... Primeiro, a coisa é devagar, depois, cada vez se desce mais depressa...

«Nada... absolutamente nada,—continuou, voltando uma caixa de charutos vazia que acabava de encontrar—hoje em dia nem vale a pena curvar-se uma pessoa para apanhar qualquer coisa na rua.

«Bem, vamos andando... Talvez encontre alguma coisa no boulevard. As *cocottes* andam sempre por ali, e esta canalha deita ás vezes coisas fóra que ainda teem algum valor».

E o tio Carousse lá foi cambaleando até á esquina do boulevard.

A rua estava quasi deserta.

Tinhm apagado os candieiros á approximação do dia, e as aves nocturnas acabavam de recolher aos ninhos.

—Lá está o meu monte de esterco predilecto, disse consigo o tio Carousse.

«Não sei porquê, mas imagino sempre que vou ali encontrar qualquer coisa que me fará feliz.

«Não sei o que me attrae a este sitio.

«Vamos a vêr se consigo descobrir hoje alguma colher de prata ou algum relógio de ouro.

«Estou bem precizado d'isso. O absintho está tão caro...

No momento em que o tio Carousse ia remexer o lixo com a ponta da bengala, dobrou a esquina uma elegante figura de mulher.

Era uma rapariga dos seus 18 annos, extraordinariamente formosa, delgada, de ceios erectos, tocada com um pequeno chapéu de palha sobre os cabellos de ouro.

Não vestia ricamente, mas havia no seu todo uma certa preocupação de agradar.

A hora a que andava pela rua, a expressão de fadiga que havia no seu rosto, as olheiras levemente accentuadas, deixavam adivinhar uma d'essas mulheres que por alguns francos estão dispostas a acompanhar o primeiro desconhecido a um hotel de pernitoar.

O tio Carousse interrompeu subitamente a sua tarefa, collocou a mão direita em viseira sobre os olhos e contemplou um instante a bonita rapariga que acabava de apparecer no boulevard.

—Lola... minha filhinha... Santo Deus... Pois és tu?

«Aqui está o que se chama andar com sorte. Ha muitos mezes que te não punha a vista em cima...»

A mulher parou, passando a mão pelos cabellos louros.

Olhou com indifferença para o trapeiro, verificou n'um relance d'olhos que não havia ninguem nas proximidades, e respondeu:

—Bom dia, velhinho. Então não ha maneira de deixares o absintho?

—Merece lá a pena, Lolita! respondeu o velho rindo. «Pelos poucos dias que me restam de vida... Depois, lá diz o dictado: do berço á morte, a *perúa* é o meu forte...

«Tu é que parece que não vaes mal! Trazes uma blusa de seda, ainda que não seja nova; sapatinhos da moda... Caspitê! Meias de seda... Até uma saia de baixo bem bonita...

O velho alcoolico juntou as mãos com admiracão.

—Não tem importancia. Isto é obrigação do negocio, respondeu a outra friamente.

«Mas podes crêr, meu velho, cada vez me aborrece mais ter que andar pelas ruas toda a noite...

«Se pudesse encontrar algum *typo* que casasse commigo, ainda que fosse um modesto empregado ou

um operario, que não ganhasse mais que o pão de cada dia... Deixa estar que não estava n'esta vida nem mais um instante.

—Tambem não precisavas ter chegado a isso, Lolita, disse o velho com seriedade.

«Se tivesses ficado commigo na cova dos trapos, nada te teria faltado.

«Comquanto eu seja um velho odre e um farrapinho perfeito, não podes dizer com verdade que eu te tenha algum dia deixado passar fome.

«Nunca te faltou o pão, e enquanto estavas commigo, era bem melhor.

A rapariga contrahiui os labios com desprezo.

—Então imaginas porventura que estou disposta a passar *larica*?

«Querias talvez que apodrecesse na cova dos trapos?

«A isso prefiro ser *borboleta*.

«Ainda que me veja obrigada por alguns francos a lançar-me ao pescogo do primeiro desconhecido, ao menos posso comer até ficar satisfeita e escuso de andar descalça...

«Olha, vê este *luiz*? Deu-m'o hoje um freguez. E' andar com sorte.

«Mas lá na cova nunca eu teria visto em dias de minha vida tanto dinheiro junto.

O tio Carousse teve um riso amarello.

—Tens razão, disse elle. Lá isso é que não podia ser.

E continuou a mexer no lixo com a ponta da bengala.

—Lolita, exclamou elle de repente, quando a rapariga se preparava para seguir o seu caminho. Ao menos podes dar-me alguns sous... Tens bastante...

—Estás doido!... disse ella bruscamente. Imaginas talvez que não preciso de dinheiro para mim?

«Sabe Deus se amanhã terei outro freguez que me pague tambem. E' preciso contar com o futuro...

—Dá-me só dois sous, Lolita, continuou o velho na sua lamuria. Ao menos posso comprar uma *ameixa* para o almoço...

—N'essa não caio eu, respondeu Lola com um olhar de desprezo. Talvez supponhas que tenho obrigação de te sustentar os vicios... Já me tens *chupado* bastante. Desanda para casa, mette-te na *pildra*, e coze-a, que é o que tu precisas...

—Descarada! resmungou o velho, continuando a sua tarefa.

«Com franqueza, eu gostava... gostava de...

Mas o trapeiro não completou a phrase.

Deixou cahir precipitadamente a bengala e ergueu do chão uma carteira que acabava de descobrir. Estava toda suja de lama.

—Olá, velho! Que tens tu ahí? perguntou Lola vivamente. Santo Deus!... Mas isso é uma carteira ra...

—E' uma carteira, é...

E as mãos do velho tremiam de commoção.

Examinou por todos os lados o precioso objecto, e os seus olhos brilhavam de alegria.

—Pois não ha duvida, Lola. E até ia jurar que

não está vazia. Corto o pescogo se não tem qualquer coisa dentro. Talvez dinheiro...

«Eu sempre disse que este monte de esterco havia de fazer um dia a minha felicidade.

«Sempre tive predilecção por elle!

Falava difficilmente, com voz tremula, na ancia da expectativa.

Estava tão commovido que nem podia abrir a carteira.

—Vamos, depressa! exclamou Lola. Queres talvez que venha ahí a policia, e sejas obrigado a entregal-a.

«Avia-te. Mostra cá isso.

Com um gesto sacudido arrancou a carteira das mãos do velho e abriu-a.

Soltou-se-lhe dos labios uma exclamação de surpresa e alegria.

Mas o velho tinha visto tambem, e enquanto as mãos de Lola remexiam febrilmente o conteúdo, o tio Carousse esboghava os olhos ante os massos de notas do banco que saiam do interior da carteira.

—Mil... cem mil...

O velho exprimia-se com voz rouca, cada vez mais trémula...

—Conta, Lola, conta...

«Duzentos e vinte mil francos... olha... mais... trezentos... quatrocentos, Lola! mais... meio milhão de francos!

—E' verdade, deve ser meio milhão, respondeu a mulher com voz surda. Deus sabe quem o perdeu, mas seja lá quem fôr, não tornará a vêr o dinheiro...

—Não, lá isso não, minha filhinha, disse o velho cambaleando um pouco. Nunca mais o torna a apanhar. Só se eu fosse tolo!

«Meio milhão de francos! Estamos ricos, Lolita, podemos agora mobilar uma habitação decente... Diabos me levem se torno a beber a maldita geropiga do costume. Champagne é que ha de ser!

«A ti, hei de comprar vestidos de seda, e hei de te arranjar um rapaz do teu gosto...

«Vaes ser uma rapariga rica. Bem vê's, apesar de me teres recusado os dois sous para uma *ameixa*, não me esquego que sou o teu papá, e deixa estar que havemos de nos vingar bem das misérias passadas.

Houve um instante de silencio.

—Dá cá isso, continuou o velho, estendendo a mão.

Lola segour a carteira com vivacidade, apertando-a contra o peito.

Olhava de soslaio para o pae, com os olhos desmedidamente abertos, com expressão de féra.

—A carteira? rouquejou ella.

«N'essa não caio eu. Não t'a dou.

«D'aquí a dois dias tinhas *cantado* tudo com a bedeira, a policia vinha a saber da coisa, e adeus minhas encomendas. Era uma vez um sonho de abundancia e de vida sosegada...

«Guardo eu o dinheiro. De vez em quando vae lá a casa, e apanhas uma moeda de dez francos...

O tio Carousse entreabriu a bocca e contemplou a filha com expressão de espanto.

—Hein!? Que dizes tu? Entãz não me dás a carteira?

«Qual de nós a achou?

—E' indifferente, tornou Lola. A carteira é que eu não dou.

O velho soltou uma imprecação:

—Estupor! Dás isso ou não dás? A carteira fui eu que a achei, e dá-te por satisfeita de receberes um par de mil francos...

«Vá. Deixa-te de lérias. Dá cá o *milho*. Senão, bem sabes o que o tio Carousse sabe dar para baixo mesmo que esteja bebedo...

A mulher abria entretanto o corpete, e escondêra a carteira no seio.

Ia a abotoar de novo a blusa, quando o velho se atirou a ella como um tigre.

—O meu dinheiro! Dá cá o meu dinheiro! Queres roubar-me? Esgano-te, se te atreves a...

Lola deu-lhe no peito um murro tão violento, que o velho cambaleou, e não pôde conservar-se mais tempo de pé.

Cahi pesadamente, como um corpo inerte.

A mulher olhou em torno, a vêr se vinha alguem.

Depois curvou-se rapidamente, apanhou do chão a bengala de ponta de ferro, e rugiu brandindo a arma:

—Ah, tu queres transtornar a minha felicidade, velho drê? Pois enganaste-te, se julgas que estou para complacências. Vaes morrer, para não seres um obstaculo aos meus planos...

«Vaes morrer como um cão, e depois poderei emfim viver descansada!

Com inaudita violencia, levantou a bengala sobre a cabeça do trapeiro, quando este esbogava um movimento para se levantar, e vibrou o golpe...

A ponta de ferro cravou-se no craneo do velho, que cahi de novo, soltando um rugido de dôr.

Pela fractura jorrou sangue em borbotões, e a massa encephalica espalhou-se sobre o lagedo...

Lola arremeçou então a bengala para longe, e afastou-se d'aquelle local tão depressa quanto possível.

Dobrou á primeira esquina, e retomou logo o passo natural de quem não tem pressa de recolher a casa.

A sua physionomia não tardou a serenar, e um sorriso *coquette* brincou-lhe nos labios.

Dois homens cominhavam no mesmo passeio, em sentido contrario.

Um d'elles, elegantemente vestido, com o aspecto de um estudante do Bairro Latino approximou-se de Lola, e parou na sua frente.

—Bons dias, princeza... Queres vir commigo?...

—Deixe-me seguir, respondeu ella. Outra vez se já; hoje estou muito cansada.

O estudante encolheu os hombros e foi andando.

—E' pena, murmurou elle. A pequena é sympathica...

.....
Trez horas depois, os transeuntes dos boulevards e das ruas da grande cidade que se dirigiam ao trabalho, pararam alguns momentos ás esquinas, onde acabava de ser affixado um grande cartaz, com os seguintes dizeres:

10.000 francos de alviçaras

Hontem á tarde, foi entregue ao empregado da firma Bontou & Irmãos, Jacques Girardin, morador na rua Charpentier, 11, a quantia de 500.000 francos em notas do banco, para ir deposital-a no Credit Lyonnais em nome da casa.

Como se reconheceu duas horas depois Girardin não foi visto no Credit Lyonnais, não tendo assim cumprido o seu mandato.

Constatado o seu desaparecimento, surgiu a suspeita que Jacques Girardin tenha fugido com o dinheiro.

Jacques Girardin tem 57 annos, é alto, magro, cabello grisalho e basto, bigode grisalho e olhos azues. Signaes particulares: nenhum.

A firma Bontou & Irmãos dará de alviçaras a todo aquelle que indicar o paradeiro de Girardin a quantia de 10.000 francos.

Caso o dinheiro seja reencontrado, as alviçaras elevar-se-hão á somma de 30.000 francos.

O presidente de policia.

CAPITULO II

Um pae cuidadoso

.....
Tinham passado cinco annos sobre estes acontecimentos.

N'um elegante *appartement* da rua Charpentier, dois homens apertavam effusivamente as mãos.

Um d'estes homens era o chefe da firma Bontou & Irmãos, um homem de certa idade, distincto, com o aspecto de um parisiense da melhor sociedade.

Usava pera grisalha, e era pequeno de estatura.

O outro, muito mais alto, tinha cara rapada, e o cabello louro, já meio grisalho junto das fontes, emoldurava uma fronte que irradiava intelligencia.

—Obrigado, mil vezes obrigado, meu caro senhor Holmes, exclamou o sr. Bontou apertando cordealmente a mão do policia. Agradeço-lhe immenso o ter correspondido tão depressa ao meu apello.

«Não o esperava, realmente, pois, sei quanto tem que fazer, e conheço o seu principio de nunca abandonar negocio que tenha entre mãos.

—Realmente é facto, respondeu sorrindo Sherlock Holmes.

«Mas o nome do senhor Bontou era para mim o sufficiente para eu me dirigir aqui sem mais delongas.

«Nunca esquecerei que foi o senhor quem, na qualidade de membro do conselho do Banco Ottomano, me honrou out'ora com a sua confiança entregando-me nas mãos a resolução de um caso importante, quando eu não tinha ainda fama alguma.

«Recorda-se? Foi por occasião do roubo que o banco soffreu, quando eu fui descobrir os auctores no labyrintho de Constantinopla...

«Com isso, meu caro sr. Bontou, tive occasião de tornar conhecido o meu nome; e aqui está o que nunca esquecerei.

—Pelo contrario, sr. Holmes. Sou eu quem tenho a agradecer-lhe pelo serviço prestado n'essa occasião, pois não tardaram quatro semanas depois do roubo e já os seus auctores estavam presos, graças á sua diligencia.

«Foi até a recordação d'esse facto que me levou a telegraphar-lhe agora pedindo a sua compareaencia em Paris.

«Mas tenha a bondade de sentar-se, meu caro sr. Holmes. Em que hotel se encontra? Sempre esperei que quizesse dar-me o prazer de ser meu hospede...»

—Era ponco pratico, sr. Bontou, disse o genial criminalista; preferi installar-me no Grande Hotel.

«Tomei dois quartos e inscrevi-me com o meu nome verdadeiro. Commigo veio o meu fiel discipulo Harry Taxon, que me acompanha para toda a parte.

«Mas desde que se tratou de qualquer questão criminal, firemos que partimos de Paris, e alugaremos uma casita em qualquer canto; é claro, sob nomes supostos.

«O sr. Bontou sabe de certo que é sob o incognito que trabalho melhor...

—Bem sei, bem sei; disse o banqueiro.

«Todas as precauções que o sr. costuma tomar, conduzem sempre á descoberta do mysterio...

«Agora queira ter a bondade de escutar o motivo que me levou a pedir-lhe a sua visita aqui.»

—Qualquer alcance no seu banco?

Bontou abanou tristemente a cabeça.

—Não, meu caro Holmes, respondeu elle. O caso é mais importante: é uma coisa bem dolorosa para mim.

«Queira accender um charuto, e escute com attenção.

«Sou obrigado a fallar-lhe de uma triste questão de familia, de um mysterio...»

Sherlock Holmes accendeu o charuto e preparou-se para ouvir.

Bontou, que escondera o rosto com as mãos, tomou de novo a palavra.

—O sr. Holmes sabe perfeitamente que tenho sido bastante feliz nos meus negocios.

«Tendo começado mais que modestamente, vejo-me agora proprietario de uma das primeiras casas bancarias de França, cujas transações se fazem em todas as todas as partes do mundo.

«Sou rico, muito rico. Isto é, tinha todas as razões para me considerar plenamente satisfeito com a vida.

«Mas nada n'este mundo é perfeito, nem mesmo a felicidade humana.

«Tambem Deus me distribuiu a minha cruz, que bastante me faz soffrer agora.

«Minha esposa, que ha dez annos descansa na paz do Senhor, deu-me um unico filho.

«Chama-se Mauricio.

«Na adolescencia distinguia-se elle pela applicação ao estudo, que foi brilhante, e quando aos 18 annos o colloquei na minha firma, felicitava-me de o ter por filho.

«Estava convencido de que, logo que eu um dia fechasse os olhos, teria n'elle um continuador digno da grande obra que encetei, e que sob a minha direcção tanto tem progredido.

«Mas que valem projectos... que valem phantasias e castellos no ar?... O'mais insignificante vento os destroe por completo.

«Mauricio não correspondeu ás esperanças que eu tinha n'elle.

«Não lhe faltava intelligencia, é verdade; mas a vida da grande cidade exerceu sobre elle a sua maldita tentação.

«Esta grande, brilhante cidade doirada! Quantas victimas não tem sacrificado já...

«Nada mais difficil que ser honesto n'esta grande babilonia de Paris, e principalmente os filhos de boas familias estão sujeitos a perigos de toda a sorte.

«Não creia, meu caro Holmes, que pertenço aquella cathogoria de paes que não sabem ou não querem comprehender a mocidade.

«Acho justissimo que todos nós paguemos o tributo devido á verdura dos annos...

«D'esta forma, deixei meu filho ir até onde era licito...

«Com 18 annos, dispunha elle do dinheiro sufficiente para sustentar dez familias modestas.

«Mas o rapaz começou a frequentar as más companhias...

«Fez dividas, que satisfiz pontualmente.

«Tornou a fazer-las, tornei a pagar.

«Por fim decidi atalhar com energia, não pelo prejuizo que causava á minha bolsa, porque não me arruinava com isso, mas por vêr que meu filho seguia o caminho da perdição e da deshonra.

«Fallei-lhe longamente.

«Atirou-se-me ao pescoço e prometteu-me abandonar as companhias com que andava mettido.

«Então promptifiquei-me a satisfazer de novo todas as dividas que proventura tivesse feito nos ultimos tempos. Essa quantia montava a quarenta até cincoenta mil francos.

«Paguei, e devo confessar, desde esse dia começaram a notar-se progressos na regeneração de Mauricio.

«A differença na sua maneira de viver foi tão repentina que começou a preoccupar-me.

«Maurício retirou-se completamente dos seus antigos amigos, começou a passar todas as noites em casa, a cumprir com a maior regularidade os seus deveres no escriptorio... Tornou-se um verdadeiro modelo para os outros empregados.

«Comtudo, não podia dissimular uma certa inquietação que bastante me preocupava como pae.

«Nervoso, muito nervoso, diziam os medicos que consultei sobre o caso. Muitas vezes constatei que meu filho tinha longas insomnias, e ficava ás vezes horas sentado no seu quarto, a cabeça apoiada nas mãos, como um neurasthenico...

«Os medicos aconselharam Mauricio a passar uma temporada em qualquer praia de banhos.

«Resolven' partir para Ostende, e dei-lhe para isso todo o dinheiro de que precisava.

«Ficou n'essa praia durante toda a estação, e quando voltou, admirei-me bastante da mudança que se operára n'elle.

«Voltava com boa côr, o olhar brilhante, a figura direita, emfim, parecia ter novamente nascido para a mocidade e para a vida.

«Não tardou em que eu reconhecesse que não era sómente devida ao clima e á mudança de ares a transformação de Mauricio.

«Elle proprio me contou um dia que travára relações em Ostende com uma senhora, a quem se dedicára de alma e coração.

«Não era mais nova do que elle, que contava ao tempo vinte annos. Mas os apaixonados não perguntam nunca pela idade d'aquellas a quem entregam o coração...

«Essa senhora tinha vinte annos feitos, e quando Mauricio me mostron o seu retrato, fui obrigado a confessar que nunca em minha vida tinha visto formosura assim.

«Imagine, sr. Sherlock Holmes: uma figura elegante e cheia de mocidade, alta e magestosa como a de uma rainha, um rosto encantador emoldurado n'uma cabelleira d'um louro fulvo como nunca vi, e uns olhos ardentes, cheios de expressão... Ao ver esse retrato comprehendí então que Mauricio se tivesse apaixonado d'aquella forma.

«Comtudo para mim havia circumstancias de ordem diversa que me levaram a hesitar antes de dar a minha opinião definitiva.

«Perguntei a meu filho quem ella era, e respondeu-me o seguinte:

«—E' orphã de pae e mãe.

«O pae era um coronel francez, morto na Algeria na guerra contra os Cabylas.

«Tendo vivido com o coronel Dangermond muito tempo em Africa, voltou depois da morte d'elle para a Europa, e hospedou-se n'uma pensão elegante de Paris.

«Maurício disse-me o nome d'essa pensão, e tomei nota d'elle.

«—Não imagine meu pae, continuou Mauricio, que Lola seja pobre. E' possuidora de fortuna superior a

500:000 francos, depositada á sua ordem no Credit Lyonnais.

«Supplico-lhe, meu pae, que dê o seu consentimento, e permita que una o meu destino ao de Lola!

«—E... está elle de acordo, perguntei.

«—Absolutamente, disse elle. Tem por mim o mesmo affecto louco que tenho por ella.

«O nosso maior desejo é casarmos, e tão depressa quanto possivel.

«—Se tudo o que me dizes, ou antes, se tudo o que ella te disse é verdade, meu filho, não vejo razão para te negar o meu consentimento.

«E' verdade que és ainda muito novo, mas ha muita gente que tem a opinião de que o casamento aos vinte annos é o mais sensato de todos.

—Deixa-me pois alguns dias para eu tomar as minhas informações—sabes, Mauricio, quanto desejo a tua felicidade—e depois darei então o desejado consentimento.

«Onde está actualmente essa senhora?

«—Em Ostende, onde espera ansiosamente noticias minhas.

«—Bem, respondi.

«No dia seguinte mandei tomar todas as informações possiveis.

«O Credit Lyonnais confirmou-me que, effectivamente Lola Dangermond tinha em deposito um capital de 580:000 francos.

«Na pensão onde ella morava referiram-se a ella com a maior sympathia, dizendo que Lola Dangermond era uma senhora extraordinariamente amavel á qual se não poderia fazer a mais pequena censura.

«Dirigi-me depois ao Ministerio da Guerra, e perguntei pelo coronel Dangermond.

«As informações foram as melhores possiveis, o coronel era um homem de bem em toda a accepção da palavra e morrêra ao serviço da patria.

«Fôra condecorado com a Legião de Honra, e como eu pretendesse saber qualquer coisa sobre sua filha, disseram-me que era impossivel por falta de elementos dar qualquer informação sobre sua familia.

«Por fim dirigi-me a uma agencia de informações, e por ella soube do seguinte:

«Dangermond enviára ainda novo, tendo sua mulher pertencido a uma familia aristocrata de França, e partira mais tarde para a Africa com sua filha.

«Sobre a vida do coronel em Africa não pude obter senão indicações vagas por intermedio da agencia. Dangermond occupava um posto na fronteira, nos confins do deserto, e ahi vivera em luta constante com as Cabylas. Era impossivel, pela difficuldade de inquerito, fornecer qualquer dado preciso sobre essa epocha.

«Mas eu sabia o bastante. Lola não tinha dito a meu filho senão a verdade.

«Reconheci que possuia consideravel fortuna, que tinha bom caracter e descendia de familia illustre.

—Diga-me, sr. Sherlock Holmes. Havia porventura algum motivo para eu recusar o consentimento a meu filho?»

—Decerto que não, respondeu o policia.

—Parti pois com Mauricio para Ostende, conheci Lola, e 24 horas depois estava tão encantado, que eu proprio teria casado com ella, se meu filho não pretendesse faze-lo. Dei com o maior prazer o meu consentimento e determinei que a cerimonia se realisasse dentro de quatro semanas.

«Durante esse praso, teve minha irmã, a viscondessa de Turnville, a amabilidade de offerecer se para hospedar mademoiselle Dangermond, e posso affirmar-lhe que ficou tão encantada com Lola como eu proprio tinha ficado.

«Por occasião do consorcio appareceu uma pequena difficuldade. Tratava-se dos papeis; Lola não possuia mais que a certidão de idade, era preciso arranjar a certidão de obito do pae e ainda outros documentos.

«O nosso consul teve a amabilidade de resolver essa difficuldade.

«Soube n'esta occasião que Lola tivera uma irmã, que fôra victima na Algeria de uma doença dos tropicos, e que essa irmã se chamava Rosa.

«Lola não se tinha referido nunca a essa irmã. Explicou depois que bastava citar-lhe o nome para reavivar a dôr enorme que tivera ao perde-la, e por essa razão nunca pronunciara uma palavra a tal respeito.

«Tudo estava em ordem.

«A cerimonia realisou-se, e Mauricio foi com sua mulher habitar um elegante palacete dos Campos Elyseos, visto que eu não quiz consentir de forma alguma que os noivos passassem a lua de mel n'esta casa, onde porventura não teriam as commodidades de que ella era digna.

«A principio parecia que o novo estado de meu filho lhe trouxera a felicidade completa.

«Pelo menos, todas as vezes que me fallava, Mauricio assegurava-me que era intensamente feliz e que cada vez adorava mais sua mulher.

«Mas pouco a pouco comecei a notar que o rosto de meu filho se annuviava, que voltavam os velhos tempos de neurasthenia... Observando tambem minha nóra, acabei por convencer-me que Mauricio se tinha enganado amargamente na escolha da esposa.

«Lola gostava de agradar e dar nas vistas, era garrida e falta de sentimentos, e parecia-me uma natureza extremamente sensual, que se affastava gradualmente do marido á medida que este adoecia.

«A casa de meu filho começou a ser frequentada por uma sociedade que me agradava pouco.

«Os Bontous representaram sempre um nobre papel em França e estão ligados com as melhores familias do tempo do imperio.

«Lola contudo sentia-se mais attrahida para a bohemia.

«Recebia actores mediocres, escriptores sem talento, acrobatas e gente de circo, aventureiros hespanhoes e italianos, condes, cuja nobreza não resistiria á menor investigação; em summa, uma sociedade heterogenea que me entrestecia bastante.

«Affastei-me naturalmente d'aquella casa, e Mauricio não tardou muito que se fechasse systematicamente na bibliotheca, ao passo que no primeiro andar os salões resplandeciam de luz, a musica vibrava e se dançava animadamente.

«Ainda não chegámos comtudo ao ponto onde eu careço dos seus servicos, sr. Sherlock Holmes.

«Ha precizamente quatorze mezes fui eu surprehendido pela visita de minha nóra.

«Ha muito que as nossas relações eram frias: ella sabia bem que nada me passava despercebido.

«E como ha algum tempo eu deixára de ter attentões para com ella e de lhe levar valiosos presentes sempre que a visitava, era eu para ella se não objecto de odio, pelo menos de indifferença.

«Havia quatro semanas que a não via, e cerca de quinze dias que não fallava com Mauricio.

«—Que aconteceu? perguntei ao vê-la.

«Estará meu filho doente?

«—Seu filho? exclamou ella. Porquê? não veio despedir-se do senhor?

«Não sabe que partiu para uma grande viagem atravez do mundo?

«—Como?! Mauricio partiu de Paris, sem me vir apertar a mão, sem sequer me dizer adeus? E' quasi impossivel...

«—Tivemos uma pequena discussão, tornou ella, e de repente meu marido exclamou:

«—Não me verás durante algum tempo, talvez tenhas mudado quando eu voltar. Vou fazer uma viagem pelo mundo.

«Primeiro suppoz que era brincadeira, mas elle partiu n'essa mesma noite. Eu propria lhe vi o bilhete da Agencia Cook, de onde depreendi que effectivamente Mauricio ia dar a volta ao mundo.

«Que Mauricio estava doente já eu sabia. Porque razão não teria elle pois partido subitamente para uma longa viagem?

«Não me admirei do facto, só extranei comtudo que o tivesse feito sem ao menos se despedir de mim.

«De então para cá decorreram quatorze mezes. Nunca mais tive noticias de meu filho, nem o mais pequeno signal de vida chegou até mim. Começo a inquietar-me seriamente.

«Não me repugna a hypothese—e dizendo estas palavras o senhor Bonton olhou para todos os lados como para se certificar que ninguem o escutava—não me repugna nada a hypothese de que tenham armado qualquer cilada a meu filho.

«Quem sabe se o terão attrahido a qualquer cidade estrangeira para o matar...

«Tremo só ao lembrar-me d'isso. Esta ideia fixouse no meu espirito ha poucos dias, e como não sabia que fazer, foi por isso que lhe telegraphiei, meu caro Holmes, e lhe pedi que viesse quanto antes a Paris afim de aclarar este mysterio.

«Agora, que conhece bem os factos, peço-lhe que me diga que lhe parece isto tudo».

O grande criminalista appoiou o queixo na mão e franziu as sobrancelhas com modo pensativo.

—E' preciso observar, disse elle bruscamente apóz alguns instantes de reflexão.

«Suppõe que, no caso de terem feito mal a seu filho, a sua nora esteja mettida no caso, senhor Bontou?»

—Por muito terrível que seja essa hypothese, vejo-me obrigado a confessar que é essa a minha opinião, sr. Holmes.

—Onde mora madame Bontou? tornou o policia.

—Nos Campos Elyseos, rua do Jardim, 73.

—Sua nora tem algum amante?

—Não posso assegura-lo. Contudo, é provavel...

—E tem ainda fortuna? continuou Sherlock Holmes.

—Dispõe á vontade da fortuna d'ella, que creio ter augmentado muito no decorrer dos tempos, pela razão de que todas as despesas eram feitas por meu filho, o qual se tornou socio da minha firma.

«Todos os mezes mando a casa de minha nora a sua parte nos dividendos».

—Perguntou alguma vez na casa Cook se a historia do bilhete é verdadeira?

—Absolutamente verdadeira.

«Meu filho mandou encommendar o bilhete na agencia e mandou-o buscar depois por um creado».

—Então, pessoalmente não esteve lá...

—Não.

—Quem era a pessoa que foi buscar e pagar o bilhete?

—Os empregados da agencia Cook suppõe que tenha sido um creado.

—Diga-me, sr. Bontou, perguntou algumas vezes aos creados de seu filho se algum d'elles fora encarregado de fazer esse serviço?

—Impossivel. Minha nora substituiu entretanto todos os creados, e o pessoal antigo dispersou-se sem deixar vestigios.

—E' muito interessante. Quando n'uma casa se muda de creados, é quasi sempre um signal certo de que houve qualquer coisa de anormal ou que vae passar-se qualquer incidente no intervalo entre a sahida dos antigos e a entrada dos novos...

«De resto pode estar descaçado, farei tudo o que em minhas forças couber para descobrir o paradeiro de seu filho».

«Por enquanto é escusado pensar n'um crime».

«E' bem possivel que Mauricio tenha effectivamente para a tal viagem á volta do mundo».

O policia apertou a mão do banqueiro e prometeu voltar muito breve.

Atravessou lentamente o labyrintho de Paris, em cujas ruas se cruzava incessantemente a multidão, parou aqui e ali deante das montras intensamente illuminadas, e chegou finalmente ao Grande Hotel, onde se tinha installado.

Quando subia para o seu quarto, veio de repente ao seu encontro um homem novo, vestido decentemente mas com simplicidade.

—Queira desculpar, disse o rapaz, curvando se.

E' ao celebre criminalista Sherlock Holmes que tenho a honra de fallar?

—Sou eu proprio.

«Que deseja de mim?» perguntou Holmes com um fio de máo humor, pois contrariava-o visivelmente fallar-lhe um extranho n'aquelle local.

—Oh, sr. Holmes! Tenha a bondade... Dê-me dois minutos de attenção...

«Supplico-lhe, não me despeça antes de me ouvir. Trata-se de um caso em que periga a honra de um morto».

«E' um filho que vem supplicar-lhe que salve a honra de seu pae, que repousa na paz do tumulo...»

O celebre policia olhou-o com os seus olhos claros n'uma interrogação muda.

Examinou n'um relance o seu interlocutor e teve um gesto satisfeito. Como physionomista emerito, não duvidou das palavras que acabavam de ser-lhe dirigidas pelo mancebo, um adolescente de cabello louro apartado ao lado, barba em ponta e olhos azues, que lhe deu a impressão de uma excellente creatura.

—Venha commigo, disse Sherlock Holmes, conduzindo-o ao quarto que tinha tomado com seu discipulo.

Primeiro foi verificar a presença de Harry Taxon no quarto contiguo. Em seguida indicou ao mancebo uma cadeira e disse-lhe:

—Seja breve. Nada de pormenores inuteis. De que se trata?

—Chamo-me Francisco Girardin, respondeu elle. Meu pae era empregado na contabilidade da firma Bontou e Irmão...

—Bontou e Irmão?! exclamou Sherlock Holmes surprehendido.

«Como se chamava seu pae?»

—Jacques Girardin.

«Ha cinco annos, em agosto, mandaram-n'o fazer um deposito de 500 000 francos ao Credit Lyonnais. Era um empregado de confiança...»

«O dinheiro estava mettido n'uma carteira preta de couro, e constava de quinhentas notas de mil francos».

—Devia ser uma carteira de grandes dimensões.

—Sem duvida. Meu pae trazia-a sempre n'uma especie de mochila solidamente presa por correias...

«N'esse dia não appareceu no Crédit Lyonnais. O dinheiro não foi por consequencia depositado».

«Suppoz-se portanto que meu pae tivesse roubado o dinheiro, e fugido».

—Não se pode levar a mal ao sr. Bontou essa suspeita, disse o policia. E se pensar bem ha de dar-me razão, pois 500.000 francos não são brincadeira...

—Em todo o caso, sr. Holmes, respondeu Girardin, é duro vêr-se apodado de ladrão depois de ter, durante muitos annos de vida honesta e impecavel, adquirido a confiança absoluta dos chefes.

«E a situação do filho é bem mais triste ainda, por estar firmamente convencido da innocencia do pae, e não poder apresentar prova alguma d'essa innocencia».

«A policia poz se logo em campo, mas não foi capaz de descobrir um vestigio de meu pae.

«Colloram-se grandes cartazes nas esquinas, onde meu pae era tratado como um ladrão.

«Passaram quinze dias.

«Duas creadas, do serviço da familia Bontou, subiram um dia ás aguas furtadas do predio para estender roupa, e ao abrirem a porta, soltaram um grito de horror.

«Suspenso n'uma trave balouçava-se o cadaver a um enforcado. Era meu pae.

—Tinha-se suicidado, pois? inquiriu Sherlock Holmes.

—Não, respondeu Francisco Girardin com firmeza. Meu pae foi victima de um assassinato.

—E não se encontrou o dinheiro desaparecido?

—Não se descobriram vestigios d'elle. Os 500.000 francos não tornaram a ser encontrados. E á carteira succedeu o mesmo.

—E a mochila, onde seu pae costumava guardar a carteira?

—Essa foi encontrada mais tarde na mansarda onde meu pae appareceu morto. Estava misturada num monte de trapos...

—Diga-me uma coisa, tornou Sherlock Holmes. Havia no corpo de seu pae alguns signaes de ferimentos externos, ou estabeleceu-se com certeza que foi victima de morte por enforcamento?

—Os peritos foram de opinião que meu pae se suicidara, e a morte fôra devida a enforcamento.

«Mas os medicos enganaram-se com toda a certeza. Meu pae não se suicidou. Mataram-no para lhe roubar a enorme quantia de que era portador.»

—Mas n'esse caso o que pretende o senhor de mim?

«Seu pae está enterrado ha muito, o dinheiro nunca mais appareceu, o sr. Bontou, que é immensamente rico, já se consolou ha muito da perda daquelle capital. Como posso eu agora occupar-me d'esse pretendido assassinato, depois de passado tanto tempo sobre os factos! Que posso eu descobrir de positivo n'isso tudo?

—Oh, sr. Holmes, disse Girardin supplicante. Todos sabem que o senhor consegue sempre aquillo que quer,

Nesse tempo tinha eu dezasete annos, não sabia nada do senhor, e não tinha energia sufficiente para me occupar do que hoje considero para mim uma questão de honra. Agora, o caso é outro...

«Tenho economisado 4.000 francos, pois sou empregado da fabrica dos srs. Dimolin & C.^o

«Muitas vezes fiz serões, muitas vezes fui ridiculo aos olhos dos meus camaradas. Não fumo nem bebo. Assim consegui juntar o dinheiro necessario para reabilitar a memoria de meu pae.

«Sr. Holmes, os 4.000 francos são seus, se quiser fazer-me a esmola de se occupar d'este assumpto, quer tenha exito, quer não.

Esses 4.000 francos ficam propriedade sua, meu caro Girardin, disse Sherlock Holmes sorrindo. Acon-

selho-lhe a que fume, a que bebe e se divirta, pois ainda está no vigor da mocidade.

«E como o senhor é um homem de bem, vamos a ver se consigo aclarar este mysterio ao fim de tanto tempo.

«Está nas minhas mãos o negocio. Pode ir descançado.»

Pouco faltou para que o mancebo lhe beijas as mãos.

Holmes retirou-as com um movimento energico.

—Dê-me antes a sua morada, disse o policia quasi bruscamente.

Francisco Girardin escreveu a morada num pedaço de papel, balbuciou ainda alguns agradecimentos e retirou-se com as lagrimas nos olhos.

Holmes começou a passear no apozento com as mãos atrás das costas.

—Esta historia interessa-me muito mais do que este rapaz pensa, murmurou elle.

«Na casa Bontou desenrolou-se um drama revestido das mais singulares circumstancias.

«Ha cinco annos que o empregado da contabilidade desapareceu, e a casa Bontou soffreu um prejuizo de 500.000 francos.

«Parece-me que Bontou me contou hoje que precisamente ha cinco annos... sim foi isso!... mas não tem importancia. Que precisamente ha cinco annos entrou seu filho como empregado da firma nos negocios do pae, e começou uma vida de dissipação e orgias...

«Mas o que este homem me contou sobre o pretendido crime de seu pae não basta para mim. Precizo de saber mais... Harry!»

Harry Taxon, que esperava no quarto contiguo, recebeu ordem de se arranjar para acompanhar o mestre.

Poucos minutos depois tomavam ambos logar n'uma carruagem e dirigiam-se á perfeitura de policia.

GAPITTLO III

As actas secretas da policia de Paris

Sherlock Holmes conhecia perfeitamente a organização da policia de Paris.

Todos os empregados superiores da perfeitura o cumprimentaram respeitosamente e lhe perguntaram se desejava fallar com o perfeito, que o recebia sempre com immenso prazer.

—Não, respondeu Sherlock Holmes. Outra vez fallarei com o perfeito. Está cá o sr. Augustin?

O velho Augustin era um dos agentes mais antigos da policia judiciaria de Paris.

Sherlock Holmes tinha tido por outras vezes occasião de fallar com este velho policia, que se não possuia outra particularidade, era senhor de colossal

memoria e um empregado essencialmente diligente.

—Peço o favor de mandarem Augustin procurar-me ao archivo, disse o genial criminalista.

«Desejo consultar alguns volumes antigos do *journal*, onde espero encontrar certas indicações.»

Não ha de certo logar mais interessante que o Archivo da policia de Paris.

E' uma sala immensa, cheia de estantes onde se enfileiram volumes enormes encadernados em carneira.

N'estes volumes estão descriptos todos os acontecimentos criminaes de Paris, e como a capital de França é o coração da Europa, a bibliotheca do Archivo de Paris contem a chronica de todos os crimes que ha dezenas de annos se tem praticado no velho continente.

Mas tambem se encontram ahi descriptos os dramas representados além mar, perfeitamente documentados segundo rigoroso methodo.

O bibliothecario perguntou em que poderia servir Sherlock Holmes.

—Meu caro amigo, respondeu o policia, desejava consultar o *journal* de 7 de agosto de 19... e os dias seguintes.

O bibliothecario chamou dois creados, e ordenou-lhes que apessem das estantes os desejados volumes.

Holmes e Taxon sentaram-se a uma meza, e o policia começou a folhear o *journal* com a data de 7 de agosto de 19...

Tudo o que n'esse dia se tinha passado de importante em Paris estava descripto ali, mas mais alguma coisa além d'isso.

Cada agente de policia devia escrever tambem as suas observações pessoasas, de forma que se podia ter uma ideia segura da actividade de toda a policia de Paris.

Depois de ter procurado algum tempo Sherlock Holmes exclamou:

—Cá está o caso Girardin. Não ha duvida, tudo se passou como o rapaz lhe contou hoje.

«No dia 7 de agosto regista-se o desaparecimento do empregado da firma Bontou & Irmãos, e ao mesmo formula-se a suspeita de que elle tenha roubado o dinheiro e fugido para parte incerta.

«Mas á margem ha uma nota que o meu velho amigo Augustin escreveu:

«Investigações feitas sobre a personalidade de Girardin, o empregado da contabilidade desaparecido, tornam pouco provavel a hypothese de que o mesmo tenha praticado um roubo contra o seu patrão de tantos annos.

«Girardin vivia desafogadamente, e era conhecido como homem serio e trabalhador, que nunca, durante toda a sua vida, praticara o mais pequeno acto capaz de manchar-lhe o caracter.

—Outra observação, continuou Sherlock Holmes, Foi escripta mais abaixo, e procede igualmente do punho de Augustin.

«Observei um pouco a casa Bontou & Irmãos.

Bontou senior é homem conhecido pela sua honradez, excellente negociante, sobrio, cheio de caracter. Seu filho Mauricio, pelo contrario, é um temperamento de sonhador, precipitado na onda dos prazeres de Paris; dizem que tem muitas dividas.

«O pessoal é constituído por personalidades neutras; ninguem sabe que a quantia de 500.000 francos foi confiada a Girardin para depositar no Credit Lyonnais.

«Só trez pessoas conhecem esse facto: O chefe de Firma, Bontou senior, o sr. Tropinard, primeiro guarda-livros e thesoureiro da casa, homem tranquillo e desapaixionado, e Mauricio Bontou, o filho do chefe.»

—Diabo, continuou Sherlock Holmes. Porque razão teria Augustin sublinhado o nome de Mauricio? Elle proprio o explicará quando chegar.

«Harry, tens ahi o 8 de agosto?

—Aqui está, snr. Holmes.

O policia começou a folhear o *Journal* d'esse dia. Lá estava a continuação do caso do desaparecimento de Jacques Girardin.

A noticia dizia que nenhuma pista fôra descoberta ainda, e como o dinheiro tambem não tinha apparecido, mais visos de realidade tomava a hypothese de que o empregado tivesse praticado um roubo.

Telegraphavam de Havre que tinha sido visto ali um homem com os signaes de Girardin.

A policia d'aquella cidade recebera instrucções para averiguar com segurança a identidade do individuo em questão.

De resto, a todos os portos francezes fora communicada ordem de prisão para todo aquelle que tentasse embarcar e cujos signaes coincidissem com os do supposto criminoso.

Sherlock Holmes poz de parte o *Journal*.

Depois encostou-se na poltrona e semicerrou os olhos. Reflectia.

—Sempre a eterna historia, murmurou elle. Quando se dá um crime, as attensões da policia voltou-se immediatamente para uma determinada pessoa.

«Admittem-se todas as hypotheses que possam vir confirmar esta suspeita, tudo serve n'esse caso para atear o incendio.

«Com que provas se podia contudo affirmar que Girardin tivesse fugido com o dinheiro? Primeiro era preciso demonstrar que elle tivesse partido de Paris, e depois, que razões teria um homem na idade de Girardin para roubar de repente, sem mais nem menos, 500.000 francos?

«Esse homem tinha um filho querido, tinha a sua casa... Deixa-os-hia assim de repente?

«Em todo o caso, a policia de Paris foi bastante imprudente n'esta diligencia.

«Devia ter dirigido as suas vistas para outros lados. Devia ter perguntado a si propria: a quem seria possivel assassinar Girardin com o intuito de o roubar?

«Não era a primeira vez que succedia ser um empregado de um banco atrahido a uma cilada, e assassinado depois de lhe ter sido roubado o dinheiro».

Sherlock Holmes abriu novamente o *Journal* e foi passando a vista pelas páginas seguintes.

Esperava encontrar ainda alguma coisa sobre o caso Girardin.

Nada encontrou porém. Estavam documentados todos os acontecimentos do dia 8 e nada mais.

Um grande incêndio na rua Poissoniere, um choque de carruagens, em que fôra victima um homem, um arrombamento na loja de um ourives do Boulevard dos Italianos e...

— Ah! cá temos um artigo comprido, exclamou o criminalista, parece-me que não deve deixar de ser interessante.

«E' verdade que não tem nada que ver com o caso Girardin, mas intitula-se: *Assassinato de um trapeiro*. Vamos a vêr o que é isto.»

E Holmes leu o seguinte, escripto no estylo incolor dos relatórios officiaes.

«Quando esta manhã o policia Fadinard passava pelo Boulevard Haussmann, reparou n'um corpo humano cahido sobre um monte de lixo.

«O agente suppoz que se tratava de um ebrio e curvou-se para o ajudar a levantar.

«Só então notou que tinha um cadaver na sua frente, e não escapou ao agente que esse homem fora victima de uma violencia.

«O rosto estava coberto de sangue e o craneo despedaçado. Mal podiam reconhecer-se os traços physiomicos.

«Immediatamente se juntaram algumas pessoas no local, e o policia mandou participar o seu funebre achado á esquadra proxima.

«O cadaver foi transportado para ali e mais tarde para a perfeitura.

«Reconheceu-se que se tratava de um trapeiro muito conhecido nos arrabaldes pelo nome de tio Carousse.

«Não foi possivel averiguar se é esse o verdadeiro nome do assassinado. Toda a gente porém o conhecia pelo nome acima referido.

«O tio Carousse entregava-se habitualmente á embriaguez. Morava n'um subterraneo da rua Planché, do qual fazia quarto de dormir e deposito de trapos.

«Os peritos constatarem que a morte devia ter se dado meia hora antes de ser encontrado o cadaver.

«A morte fora com effeito causada pela destruição da caixa craneana. O instrumento do crime foi encontrado no local.

«Era uma bengala de que o proprio Carousse costumava servir-se para remexer os montes de lixo.

«Na ponta de ferro d'esta bengala constatarem os peritos a presença de sangue e d'alguns cabellos brancos pertencentes ao trapeiro.

«Como Carousse era muito pobre, não pode admitir-se o roubo como mobil do crime. Suppõe-se que, no estado de embriaguez em que se encontrava, tivesse tido uma discussão com qualquer transeunte, e tenha sido victima d'este ultimo.»

— E' uma historia banal, murmurou Sherlock Holmes encostando a cabeça ás mãos. O que é extraor-

dinario é que este facto se tenha passado n'uma rua aristocratica.

«E' verdade que ás cinco horas da manhã não devia esta rua ser muito frequentada, mas os habitantes deviam ter despertado ao ruido de qualquer discussão violenta.

«Ah! um additamento, exclamou de repente Sherlock Holmes. E é ainda a letra de Augustin.»

«*Achado importante*. Nas primeiras horas da manhã apresentou-se na perfeitura a vendedeira de leite Sinette, depositando uma nota de mil francos que declarou ter encontrado no Boulevard Haussmann, vinte passos distante do local onde foi descoberto o cadaver do tio Larousse.

«A nota do banco fora evidentemente pisada e estava deteriorada e coberta de lama.

O policia começou a assobiar devagarinho.

«Queira desculpar, sr. bibliothecario, exclamou elle de repente. Esquecera-me que estava na sua presença...

— Oh, sr. Holmes, faça favor de estar á sua vontade.

— Não sei se sabe, continuou o criminalista que só assobio quando encontro uma ideia aproveitavel.

Holmes levantou-se e começou a passear na sala, falando consigo mesmo, mas tão devagar que nem Taxon nem o bibliothecario percebiam palavra.

— Vinte passos distante do monte de lixo onde foi assassinado o tio Carousse encontrou-se uma nota do banco.

«Esta nota era de mil francos.

«Ora o filho de Girardin disse-me que a quantia confiada ao seu pae constava de quinhentas notas de mil francos. E as pessoas que perdem uma nota de mil francos costumam immediatamente dar parte do facto na policia.

«De sorte que, ao que parece ninguém se importou com esta nota.

«Quem pode deixar de se importar com uma nota do banco que perdeu?

«Só a pessoa que a adquiriu irregularmente.

«E' pois evidente que o individuo que perdeu essa nota proximo do local do crime não tinha a consciencia tranquilla.

«Bem. Parece-me que tudo se vae aclarando. Como por encanto estabelece-se uma ligação entre dois factos, que a principio nada pareciam ter um com o outro.»

— Sr. Holmes, muito bons dias...

O agente Augustin acabou de entrar na sala e dirigia-se sorrindo para o criminalista.

Sherlock Holmes contudo parecia não reparar n'elle.

O seu olhar, até então fixo n'um ponto do chão começou a vagar pela sala.

— O tio Carousse era um trapeiro, continou elle no seu monologo. O que faz um trapeiro? remexe o lixo que encontra pelas ruas.

—Sr. Holmes! Então não falla ao seu velho amigo Augustin? Dá-me licença. . .

—Não dou licença para coisa alguma! disse o policia bruscamente, continuando a murmurar consigo: «O tio Carousse foi assassinado n'aquella madrugada, e o facto de lhe ter sido encontrada a bengala prova que se encontrava no exercicio das suas funções. . . que remexia o lixo do Boulevard. . .

—Mas, senhor Holmes, que mal lhe fiz eu para se não dignar seguer deitar-me os olhos? . . .

—... Remexia o lixo do Boulevard, continuou o policia com energia, e n'esse lixo podia muito bem ter feito qualquer achado importante.

«Por exemplo: uma nota de mil francos. Qual? ! N'esse caso não teria largado mais. . .

«Quem sabe? Talvez o envolvero que continha essa nota.

«Talvez. . . talvez. . .

—Pelo amor de Deus, sr. Sherlock Holmes! disse Augustin.

E depois dirigindo-se a Taxon:

—Estará o Mestre doente?

—Pelo contrario, respondeu Harry, nunca o snr. Holmes esteve mais lucido do que n'este momento. . .

«Estou convencido que acaba de fazer uma grande descoberta.»

—Talvez uma carteira! exclamou de repente Sherlock Holmes com voz trovejante. Suppunhamos uma carteira, e que n'essa carteira se não encontrava uma só nota de mil francos, mas muitas. . . Suppunhamos: quinhentas notas de mil francos. . .

«Suppunhamos ainda que essa carteira pertencia á firma Bontou, que Girardin se tivesse desfeito d'ella. Mas não, é impossivel. Se elle tivesse querido roubar o dinheiro, fugia com elle, em vez de o atirar fóra.

«Outro a terá atirado, outro, que cubiou primeiro a carteira, mas não quiz depois utilizar-se d'ella.

«Outro, que talvez tomado de horror ao ver esse objecto, ao sentir o peso da consciencia, outro, arrependido de ter procedido mal, de ter. . . ah! Augustin! Augustin! meu amigo, então como vai isso? Vem de lá esse cordeal aperto de mão, que istimo bastante tornar a vel-o agora. . .

«E aproveite a occasião para lhe dar uma novidade, embora o facto a que ella se refere a tenha passado ha cinco annos a esta parte.

«Augustin, continuou Holmes, baixando gradualmente a voz, e poisanço as mãos nos hombros do agente; Augustin, sabe porque motivo foi assassinado em 8 de agosto de 19. . . o trapeiro Carousse? . . .

«Para o roubarem, Augustin; para lhe tirarem aquelles 500:000 francos, por causa dos quaes o empregado da firma Bontou & Irmãos, Jacques Girardin, um homem de character em toda a acceção da palavra fora n'essa noite assassinado por um desconhecido. . .»

—Que extraordinaria hypothese, snr. Holmes!

—Tem razão, por ora não passa de uma hypothese,

se, respondeu sorrindo o policia, mas pode estar desancado que eu a demonstrarei.

«Eu provarei que o tio Carousse e Jacques Girardin foram ambos assassinados por causa d'esse meio milhão. . .»

CAPITULO IV

Uma formosura parisiense

—Tenha a bondade entregar o meu cartão á senhora.

Um homem elegantemente vestido, de suissas loiras, entregou um cartão de visita a uma creada, que desappareceu immediatamente atraz do reposteiro.

Esta scena passava-se á porta de uma elegante palacete dos Campos Elyseos, na rua de Jardim, 73.

Era casa de Mauricio Bontou, ha mais de um anno habitada só por Madame Bontou.

A creada entrou no *boudoir* da senhora que terminava precisamente a sua *toilette*, e entregou-lhe o bilhete de visita.

—O coronel Lincoln? Não conheço ninguem com este nome, disse a dona da casa, uma elegante e formosissima mulher de cabellos doirados, amarrando o bilhete entre os dedos. Que deseja de mim o senhor coronel?

—Não sei, minha senhora. Elle diz que precisava fallar a V. Ex.ª.

—E' velho ou novo?

—Hum. . . Talvez 40 annos. E' possivel até que seja mais novo. E' um inglez com aspecto muito distincto.

—Então mande entrar.

Lola Bontou olhou-se ainda uma vez ao espelho, e passou rapidamente as mãos pelo cabello. Teve um gesto satisfeito.

A sua figura magestosa de Juno deixava se adivinhar na vaporosa *matinée* azul celeste que lhe cahia até aos pés.

O seu cabello tinha aquella cor fulva com que Ticiano emoldurava os seus rostos de mulher.

Em summa, possuia todos os encantos, todas as seducções com que uma mulher pode fazer perder a cabeça ao homem mais sensato.

Em cada movimento, em cada gesto sem, havia graça e havia orgulho, e a maneira como entrou no aposento onde esperava o coronel Lincoln provava que ella sabia muito bem não ser apenas a mulher de Mauricio Bontou, mas ainda umas das mais celebres formosuras de Paris.

Lola ficou um instante á entrada da sala, olhando para a visita que lhe fora annunciada. O coronel vestia á paisana, com elegancia rara, vendo-se em cada pormenor que estava habituado a pisar os primeiros salões.

—O sr. coronel Lincoln? perguntou Lola aproximando-se.

—Um creado de V. Ex.^a, respondeu o coronel inclinando-se profundamente. Tenho sem duvida o prazer e a honra de me estar dirigindo a madame Lola Bontou...

—Eu propria.

—N'esse caso permita-me que lhe apresente cumprimentos da parte de seu esposo.

Lola teve um estremeamento imperceptivel.

Depois, ergueu graciosamente a cabeça e perguntou:

—Pois o senhor Coronel esteve com meu marido?

—Ainda ha quinze dias nos sentavamos ambos na esplanada do Hotel Royal do Cairo, contemplando as aguas do Nilo... Pensavamos na bella capital de França... O sr. Bontou pensava porém antes de tudo na sua querida esposa, e dizia-me:

«O snr. vae partir brevemente para Paris. Não deixe de visitar minha esposa, e diga-lhe que são para ella todos os meus pensamentos. Apresente-lhe os meus cumprimentos, e estou convencido que ella lhe fi car muito grata por isso.

A' medida que o coronel ia fallando observava com olhar agudissimo o rosto da sua formosa interlocutora.

Era especialmente o lado esquerdo do lindo collo que lhe despertava maior attenção, como se quizesse descobrir alli a palpação quasi imperceptivel de uma arteria...

Não lhe escapava egualmente o seio, e a regularidade do movimento respiratorio.

Mas nada notou de extraordinario.

Com um sorriso gracioso, Lola estendeu a mão para o inglez, dizendo:

—Tenho immenso prazer em conhecê-lo, sr. coronel. Sou-lhe effectivamente muito grata por me trazer noticias de meu marido. Como está elle? E' melhor o seu estado de saúde? E quaes são agora os seus planos de viagem? Não tenciona elle agora regressar á patria?

—Infelizmente ficará ainda algum tempo longe de Paris, respondeu Lincoln. Apesar de sentir-se bem de saúde... Dá-se maravilhosamente com o clima do Cairo.

«Quando estivemos juntos, pensava elle em fazer uma viagem de barco até Assuan, para visitar as cataratas do Nilo.

«Não pude deixar de applaudir a ideia, porque já fizera eu proprio essa mesma viagem, e é encantador...

—Quanto tempo ficará agora em Paris, senhor coronel? perguntou Lola. Talvez seja indisciplinação da minha parte perguntar-lhe se vem em viagem de recreio ou de negocios?

—Minha senhora, respondeu o coronel com um sorriso, passando a mão pelo queixo, é impossivel estar algum tempo em Paris sem que se trate de uma viagem de recreio... em todo o caso tenho tambem negocios a tratar aqui.

Não vim porém sózinho a Paris.

—Ah! Está acompanhado? perguntou Madame Bontou com interesse.

—Exactamente minha senhora. Em minha companhia veio tambem meu sobrinho, o Lord Harry Dunford.

—Como, senhor coronel? Pois já é feliz possuidor de um sobrinho? disse Madame Bontou, deixando ver duas filas de dentes brancos como marfim. Mas o senhor parece estar a'uma idade em que...

—Perdão, minha senhora, devo dizer-lhe que meu sobrinho tem apenas dezasseis annos...

«E' filho de minha defuncta irmã, a qual era casada com Lord Dunford.

«Infelizmente o Lord morreu ha pouco tempo, e por isso meu sobrinho entrou na posse não só de uma fortuna que se eleva a muitos milhões mas tambem do titulo de seu pae.

—Então é um dos felizes d'este mundo, seu sobrinho?

«E' verdade, minha senhora; e não é sómente possuidor de grande fortuna, como tambem é um rapaz muito interessante.

—E' uma pequena maravilha universal... Sabe, senhor coronel, que me aguçou a curiosidade de tal forma, que não resisto á tentação de conhecer seu sobrinho...

—Estou ás suas ordens, minha senhora.

«Se m'o permite, tra'l-o hei commigo.

«Devo confessar-lhe que até lhe ficaria muito grato se quizesse occupar-se um pouco d'elle.

«Harry é, como lhe disse, um rapaz extremamente elegante e amavel, mas um pouco bisonho.

«E' o resultado da vida isolada que tem tido nas suas propriedades da Escoccia.

«Especialmente com as senhoras é elle muito reservado, mesmo um tanto desastrado na maneira de tratar... V. Ex.^a comprehende-me; meu sobrinho tem excellentes maneiras, mas as questões de galanteria que tão familiares são aos rapazes francezes, são-lhe completamente desconhecidas.

«Por isso mesmo o trouxe a Paris afim de o instalar em pensão elegante, onde deve passar seis meses e aprender as subtilezas da vida franceza de sociedade.

«E' claro que só o entrego em casa de uma familia rica e aristocratica, para ficar descansado a seu respeito.

Madame Bontou parecia reflectir.

Reclinou-se no seu divan e semicerrou os olhos, em attitude pensativa.

—Então traga-me seu sobrinho, disse, depois de uma pequena pausa.

«Conheço muita gente elegante, e creio que me não será difficil fazer d'elle um francez completo.

«Tambem será interessante para mim occupar-me do joven Lord.

«E' preciso conhecer a escola da vida, e este methodo de educação chama-se em Paris... a escoladas mulheres.

—Sou da mesma opinião, disse o coronel Lincoln.

«Permita-me pois que lhe apresente os meus cumprimentos e lhe beije a mão...

—Como, coronel! O senhor é inglês e comtudo possui a galanteria franceza!

—Não esqueça, minha senhora, que tenho quarenta annos e andei muito tempo na escola da vida, que para mim não significa também outra coisa senão—e escola das mulheres.

O coronel Lincoln despediu-se e Lola Bontou encaminhou-se pensativa para o seu *boudoir*.

Estava nervosa.

O seio arfava-lhe violentamente, nos olhos um clarão singular.

—Lá doido não é este coronel, não, murmurou ella por fim. Cada palavra, cada gesto, deixam adivinhar n'elle uma natureza energica, um homem de intelligencia superior.

«O que não percebo é como elle pode vir trazer-me noticias de meu marido, que diz ter encontrado no Cairo...

«Teria qualquer charlatão tomado o nome de Mauricio?

«Andará qualquer *escroc* viajando pelo mundo sob o nome Bontou?

«Lá que é possível, não ha duvida.

«Mas não. Supponho que encontrei o fio do mysterio. O coronel Lincoln queria travar relações comigo e valeu-se para isso de uma pequena esperteza.

«Ter-me-hia visto no theatro?

«Ter-me-hia encontrado em qualquer *sóirée*?

«Provavelmente não se lembrou de outro meio para entrar em minha casa, e valeu-se d'este pretexto.

«E' uma pequena mentira, mas sem consequencias más.

«Estas relações interessam-me.

«Antes de tudo preciso conhecer o joven Lord, esse maravilhoso rapaz que tantas riquezas possui.

«Nada. Preciso acabar com Paris. Esta vida começa a aborrecer-me.

«Não seria mau apparecer um dia em Londres, e representar ali um grande papel na sociedade.

«Estes inglezes podem auxiliar-me bastante na execução de tal projecto...

Entretanto, o coronel Lincoln tomara um trem de praça e dirigia-se atravez das ruas de Paris para o Hotel Royal, installado com todo o luxo e commodidades modernas.

—Agora fiquei-a conhecendo bem, murmurou Lincoln consigo.

«Teve um pequeno estremecimento, quando eu lhe disse que tinha estado com o marido no Cairo, que tinhamos conversado ambos...

«Ella sabe perfeitamente que é impossivel tal facto, visto que marido não anda a viajar como todos supõem, e por consequencia se não pode encontrar seja com quem fôr.

«Mas não ha duvida que parou excellentemente o golpe.

«Dominou-se bem, e, é preciso confessa lo, possui uma presença extremamente agradável.

«De resto estou convencido que mordeu a isca. O pretexto pegou.

«O meu pequeno lord com a sua fortuna colossal fez com certeza grande impressão no seu espirito.

«Ella quer conhece-lo pessoalmente. Bem, assim será.

«Ou muito me engano, ou mais uma vez se vai confirmar a minha observação de que mulheres de mais de 24 annos têm uma predilecção decidida por mancheos dos 16 aos 18».

A carruagem parou em frente do Hotel Royal.

O coronel Lincoln apeou-se.

O pessoal veio recebe-lo respeitosa e ao vestíbulo.

O director do hotel acompanhou-o em pessoa até ao elevador que devia conduzi-lo ao primeiro andar.

Não admirava, porém, que tratassem este hospede no Hotel Royal com tanta distincção.

O coronel Lincoln tinha, com seu sobrinho, tomado cinco aposentos esplendidamente mobilados no primeiro andar.

Todos os hoteis gostam de hospedar inglezes ricos.

Quando um d'esses hospedes tem o titulo de Lord, então redobra-se de cuidado e de attenções, porque esse titulo é uma garantia para o hotel.

Todos os jornaes de Paris noticiavam a presença dos illustres estrangeiros na grande capital: Lord Harry Douford e seu tio o coronel Lincoln.

Desde a vespera, o coronel não se tinha poupado a gorjetas.

Tinha, por assim dizer, semeado ouro em torno de si, e nada como o dinheiro pode provar em Paris uma cathegoria illustre.

O coronel tinha chegado ao primeiro andar.

Sahi do elevador e entrou nos seus aposentos.

Um mancho do seus dezasete annos, elegantemente vestido, levantou-se ao ve-lo e dirigiu-se para elle com uma interrogação no olhar.

—Como estás? perguntou o coronel.

«Desculpa-me de chegar um pouco atrasado, mas esqueci-me completamente do tempo na presença de uma das mais elegantes e formosas mulheres de Paris.

Em seguida, o coronel fechou a porta do quarto, aproximou-se do mancho e bateu-lhe familiarmente com a mão no hombro, murmurando em voz baixa:

—Harry, creio que a «coisa» arranja-se. Agora o caminho é para a frente, e haremos de vencer.

«Já falei de ti a madame Bontou, e ella manifestou o mais vivo desejo de te conhecer.

«Esta noite ha recepção em casa d'ella.

«Seremos pontuaes.

«Agora trata-se de representares bem o teu papel e a victoria será nossa.

Harry começou a rir.

—Supponho que não terei grandes difficuldades em representar esse papel. Fazer a corte a uma mulher nova e formosa, aqui está uma tarefa bem agradável, e hei de cumpri-la com o maior prazer, mestre.

Ao escutar estas palavras, o policia encarou-o com seriedade.

O leitor adivinhou já, por certo, que o coronel Lincoln não era outro senão Sherlock Holmes, e que o seu pretendido sobrinho Lord Harry Dunford não passava de ser o seu fiel discípulo Harry Taxon.

Holmes abanou, pois, a sua cabeça com ar pensativo e disse:

—Escuta, Harry. Sei que és um rapaz esperto e por muitas vezes me tens prestado grandes serviços. D'esta vez, porém, o caso é mais serio.

«E' como que o baptismo do fogo.

«Vou pôr-te em relações com uma mulher nova e extremamente formosa.

«Tem seducções extraordinarias, essa mulher, mas possui de dois caracteres mais repellentes que tenho conhecido. E' este ultimo facto que nos interessa. E' uma mulher de cabellos fulvos—uma fera disposta a despedaçar a tua alma, se por acaso não tomares cuidado.

«Sabes bem o que tens a fazer junto d'esta mulher.

«Já te expliquei o teu papel e espero que o presentes bem.

«Mas acatella-te! Não te deixes prender pelo encanto.

«Agora, excusas de me dizer nada: n'estas coisas tenho mais experiencia que tu. Ainda não tem dezoito annos, estás n'uma idade muito perigosa... concluiu Sherlock Holmes, rindo.

—Sr. Holmes! exclamou Harry Taxon formalisado. Não sei como possa desconfiar de mim. Já se enganou alguma vez a meu respeito?

«Diga-me que é preciso atirar-me á agua e atirar-me-hei á agua, diga-me que é preciso atravessar o fogo e fa-lo-hei sem hesitar. Da agua sahírei molhado; do fogo, com algumas queimaduras, e prompto.

«Suppõe porventura que, por ser a primeira vez que desempenho um papel junto de uma mulher formosa, heide, forçosamente, dar logo parte de fraco?...

—De maneira nenhuma, respondeu o policia com um sorriso. Faça o melhor conceito a teu respeito. Mas assim como naturalmente sahírias molhado da agua, assim voltarás tambem apaixonado junto d'essa mulher.

«Harry, não te esqueças da minha prevenção!

«Trata de collocar uma couraça de aço em torno do teu coração e não te deixes dominar pelos sentidos...

«Lola Bontou ha de empregar toda a sua arte para te seduzir, hade fazer tudo o que é possível a uma mulher d'aquella natureza. Toma cautella! E' preciso que finjas cahir no laço, mas lembra-te sempre da tua missão, e não te saia um instante do pensamento o que é essa creatura.

«Entre ti e ella ha um abysmo tão grande como o que separa o Bem do Mal.

«Dá-me a tua mão, meu rapaz, e promette-me que não te dixerás vencer e que seguirás á risca as minhas instruções, sem a mais pequena hesitação!

—Mestre, prometto-lh'o com todas as forças da minha alma! exclamou Harry Taxon apertando calorosamente as mãos de Sherlock Holmes.

O policia approximou-se da janella e olhou distrahidamente para o *boulevard*.

—Aqui está uma promessa, murmurava elle consigo, que muitos rapazes novos e de character têm feito, para faltarem depois a ella na primeira occasião... Tenhamos porém confiança em Harry Taxon!

CAPITULO V

O pequeno Lord

Trez dias tinham decorrido sobre esta conversação.

O coronel Lincoln e seu sobrinho o Lord Harry Dunford tinham sido convidados para jantar em casa de Lola Bontou.

N'estes trez dias, os dois inglezes tinham frequentado assiduamente aquella casa, e desenvolvera-se entre elles e Madame Bontou uma especie de amizade que parecia fundar-se nas bases solidas de grande sympathia mutua.

Ao Champagne, entre outros assumptos, falou-se de um livro celebre, e o coronel Lincoln, dirigindo-se ao sobrinho, disse-lhe:

—Queres ter a amabilidade de ir buscar esse livro á bibliotheca de Madame Bontou?

«V. Ex.^a permite, não é verdade?...

Madame Bontou, que percebeu a intenção do coronel de affastar o Lord por alguns momentos, respondeu immediatamente:

—Toda a minha bibliotheca está á sua disposição... Vá, Lord, vá, e examine as preciosidades bibliographicas que ali se encontram. Colleccionei-as com amor, e orgulho-me verdadeiramente de possuilas...

—E eu injevo esses volumes, minha senhora, respondeu Harry.

—Injeva os meus livros? perguntou Lola rindo. Porque?

—Porque esses livros teem a ventura de ser lidos pela graça dos seus olhos, de ser tocados pelos seus dedos, respondeu o Lord.

—Ah! exclamou Madame Bontou agradavelmente surprehendida. Mas lord Dunford sabe ser galante como um francez... E dizia-me o coronel que elle era um pouco bisinho...

O Lord retirou-se.

O coronel Lincoln inclinou-se para Madame Bontou e disse-lhe em voz baixa:

—Confesso-me immensamente grato a V. Ex.^a pelo amavel acolhimento que tem feito a meu sobrinho.

«Na realidade, era difficil suppôr como é deliciosa a hospitalidade que se encontra em casa de V. Ex.^a...

«Gostaria de corresponder a ella, e considerar-

me-hia muito feliz se pudesse um dia ter a subida honra de receber V. Ex.^a no castello Dunford...

—Mas decerto, decerto! ouviu Lola. Ainda este verão lá irei...

«Mas diga-me, coronel. Sei que tem alguma coisa a confiar-me. Não me passou despercebida sua intenção de afastar Lord Harry Dunford d'este aposento, e concluo d'aquí que pretende dizer-me alguma coisa na sua ausencia...»

—Com effeito, minha senhora, respondeu Lincoln.

«Mas hesito em formular o meu pedido, que pode parecer-lhe ousado de mais...»

—Diga, diga, atalhou Madame Bontou. Estou com todo o prazer á sua disposição.

—N'esse caso faça obsequio de ler este telegramma que acabo de receber de Londres.

O coronel apresentou um papel que tirou da carteira.

—E' do meu advogado, continuou elle. Participa-me que na questão da herança de meu sobrinho appareceram algumas irregularidades para resolver ás quaes é absolutamente indispensavel a minha presença em Inglaterra.

«Ainda nada disse a Lord Dunford a respeito do telegramma.

«Comuniquei-lhe apenas que tenho de auzentar-me por alguns dias.

«Mas preocupa-me bastante a ideia de ter de deixá-lo em Pariz... Imagine V. Ex.^a, meu sobrinho ainda não tem dezoito annos...»

«Ora, como sabe, é um perigo ficar só, com dezasse annos, n'esta immensidade.

«Eu sei quanto posso confiar n'elle. Conheço-lhe os sentimentos e o caracter, e não creio que elle pertença ao numero d'aquelles que começam a fazer leviandades mal se encontram á vontade.

«Comtudo, gostava de o deixar entregue a uma pessoa de confiança.

«Que fazer, n'este caso?

—E' bem simples, respondeu Madame Bontou.

Ao falso coronel Lincoln não passou despercebida a agitação com que Lola ouviu com estas palavras.

—A minha casa é grande, continuou ella. Confie-me o joven Lord.

«Mandar-lhe-hei preparar os aposentos no quarto superior.

«Se quer ter a amabilidade de me confiar seu sobrinho, pode estar certo, coronel, que o encontrará no seu regresso tal qual como quando partiu.

Lola sorria de um modo singular ao pronunciar estas palavras.

—Estou convencido d'isso, respondeu o coronel.

«Sei que posso confiar-lhe Harry como a uma amiga velha—perdão! Na idade de V. Ex.^a não é licito empregar ainda a expressão consagrada de velha amiga...»

«Mas em todo o caso, possui V. Ex.^a a experiencia e o trato de uma senhora casada, e eis o que me faz ficar descansado.

—Aceita pois a minha proposta, e vae confiar-me

o Lord durante a sua ausencia, não é verdade?...»

—Beijo-lhe reconhecidamente as mãos, minha senhora, e participarei immediatamente a meu sobrinho que faça transportar para aqui todos os objectos necessarios para uma permanencia de trez ou quatro dias. A minha ausencia não irá alem d'esse praso.

—E quando parte?

—Hoje mesmo no expresso de Havre, de forma que possa tomar amanhã o paquete para New Haven.

Harry voltou n'este momento da bibliotheca.

Trazia na mão o desejado livro, que entregou ao coronel Lincoln.

—Uma grande novidade, meu Lord, exclamou Lola Bontou, fixando Harry com expressão singular.

«Sabe que vae ser meu filho adoptivo durante alguns dias?

Harry olhou admirado para Madame Bontou e para o coronel.

A sua surpresa foi tão bem simulada, que Lola desatou a rir, exclamando:

—Veja, coronel, como elle está commovido. Então não me quer para sua mamã? Tem por acaso medo de mim?

—Que quer dizer isto? perguntou Harry.

—Quer dizer, meu filho, respondeu tranquillamente Lincoln, que vou partir hoje para Londres, como já tive occasião de te dizer.

«Tenho que resolver ali negocios urgentes.

«Durante a minha ausencia e devido á gentileza de Madame Bontou, ficarás habitando como hospede n'esta casa.

—E' certo? disse Harry com voz tremula de alegria. Que felicidade, Madame! Por mim de boa vontade ficarei eternamente junto de V. Ex.^a

Harry corou, e Lola envolveu-o n'um olhar cheio de meiguice.

—Bem, então fica combinado, exclamou Madame Bontou.

«O meu pequeno Lord fica comigo, e o sr. coronel Lincoln mandar-lhe-ha do hotel tudo aquillo de que precisar para alguns dias.

«Vou dar instrucções á minha creada de quarto, pois quero que nada lhe falte em minha casa.

«Lola levantou-se e posou as mãos nos hombros de Harry.

—Agora espero que se hade portar muito bem e não hade ralar a sua mamãsinha.

«O tio coronel ficará muito zangado se á volta de Londres soubesse que não tinha sido meu amigo...»

—Oh! madame. Creia que não terá razões de queixa contra mim. Horrorisar-me a ideia de ficar sosinho no hotel, no meio de gente completamente extranha, e assim não tenho senão regosijar-me com o facto de ficar em sua casa.

—Bem, exclamou Lola. Estou convencida que haremos de dar-nos ás mil maravilhas.

«Agora desculpem-me alguns minutos. D'aquí a pouco voltarei.

Lola sahiu, deixando ambos sós na sala de jantar.

Harry ia fallar, mas leu uma prohibição nos olhos de Sherlock Holmes.

Então o policia começou a mover rapidamente os dedos, e começou entre elles uma conversação de surdos mudos, de que se serviam sempre que tinham recio de serem escutados.

—E' preciso entendermo-nos assim, diziam os gestos de Sherlock Holmes. Quem sabe se ella ficou á escuta atraz da porta. Cautella.

—Talvez espreihe pela fechadura.

—Não; colloquei previamente uma rolinha no bu-raco, disseram os dedos de Taxon. Eu sabia que iam os ficar sós durante alguns minutos.

«Então a «coisa» deu resultado. Fico alguns dias aqui...

—Sim, e espero que aproveites o tempo.

«Antes de tudo, abre a gaveta da secretaria.

«Tens chaves falsas contigo, toda a ferramenta dos gatuos...

«Examina cuidadosamente os papeis.

«Tudo o que encontrares que diga respeito ao passado d'ella, leva para o teu quarto, copia *ipsis verbis*, ou, caso não tenhas tempo, guarda o original.

—Fica no Hotel Royal, mestre?

—Não, moro com o nome de Walter Raleigh na «Hospedaria do sol», rua de S. Martin, 93.

—Quer que vá procura-lo lá hoje?

—Se eu precisar falar-te, encontrarei maneira de o fazer sob qualquer disfarce.

«Ainda uma vez te previno. Toma cautela, estás mettido com uma creatura da peor especie.

«A muller é capaz de tudo — de um assassinato, até.

«Prompto. Ahi vem ella, concluiu Sherlock Holmes com alguns signaes.

E, falando em voz alta, continuou:

—E' claro que telegrapharei de Londres logo que que ali chegar.

«De resto, prometto-te que a minha ausencia não irá além de quatro dias, pois o negocio resolver-se-ha depressa.

N'este momento, a porta abriu-se e Lola entrou no aposento.

—Está tudo em ordem. disse ella sorrindo. Quando quizer, meu Lord, pode ir vêr os seus quartos, onde ficará enquanto seu tio se demorar em Inglaterra?

—Se me dá licença, minha senhora, despeço-me já de V. Ex.^a Tenho ainda de despachar alguma correspondencia urgente, antes de partir...

«Permitta-me que ainda uma vez lhe agradeça do fundo do meu coração a sua boa hospitalidade, e a gentileza com que acolheu meu sobrinho.

Holmes levou galantemente aos labios a mão de Lola.

Em seguida abraçou Harry.

—Adeus, meu filho, e espero ter boas informações tuas quando voltar.

«Sei que és um excellente rapaz, e antes de tudo ficas entregue nas mãos de uma senhora que te estima bastante.

—Adeus, meu tio! Faça os meus cumprimentos á linda capital de Inglaterra.

—Queres que diga a Londres que a visitarás em breve? disse já da porta o coronel, rindo.

—Não, isso não. Paris é ainda com vezes mais bella do que Londres.

—Sim?

—Com certeza, respondeu Harry, visto que Paris possui Madame Bontou, e Londres não se pode gabar de outro tanto.

O coronel ameaçou o sobrinho amigavelmente com o dedo, e Lola deu uma pequena gargalhada de satisfação.

—Minutos depois Sherlock Holmes encontrava-se na rua e murmurava entre dentes:

—Se o meu rapaz tiver juizo e se não se deixar embalar nos cantos da sereia de cabellos dourados, então não hão de tardar muitos dias que eu não saiba quem é e de onde veio Madame Bontou, assim como se descobrirá tambem o paradeiro do marido...

Era noite.

Harry ficava no quarto que lhe destinara a sua formosa hospedeira.

Até ás 11 horas tinham conversado ambos, e Lola empregára todos os recursos da sua seducção para se tornar senhora d'aquelle coração adolescente.

Tinham estado longo tempo sentados no balcão que dava para o jardim.

As flores exhalavam um perfume entontecedor; a lua brilhava no ceu, e sobre a meza que tinham na sua frente, uma terrina de crystal cheia de Champagne com ananaz misturava o seu aroma com o das flores.

O balcão estava decorado com plantas exóticas, com palmeiras cujos ramos formavam como que uma abobada sobre as cabeças de ambos.

Com effeito! Era preciso realmente ter muita energia e força moral para fugir ao encanto, e dizer com-sigo as palavras que Harry constantemente repetia *in mente*:

—Não enfraqueças... Estás no exercicio das tuas funções...

Tim, ella tinha-lhe falado longamente, meigamente, com a ternura de que é capaz uma mulher bella quando pretende conquistar o coração de um homem.

Tinha-se approximado d'elle gradualmente, tinha-lhe poitado com familiaridade as mãos nos hombros, tinha-lhe acariciado os cabellos, chamando-lhe a attenção para o firmamento constellado, tinha-lhe falado da curta duração da vida, que dá ao homem o direito de gosar a felicidade onde quer que a encontre...

—A vida é curta, murmurava-lhe ella ao ouvido, e os prazeres são poucos. E' preciso hão os deixar fugir...

Elle tinha-lhe enchido algumas vezes a taça, e elle acabara por sentir um vago desejo de sorver a enebriante bebida pelos labios d'ella...

Por fim, Harry decidiu que era mais prudente afastar-se d'ali.

—Se fico mais alguns minutos, pensava elle, adeus minha vida! Perco toda a energia moral, cáio nos braços d'ella e fico não só á mercê dos seus caprichos, como impossibilitado de comprehender o que tenho a fazer esta noite.

E, pretextando fadiga, declarou que ia retirar-se para o seu quarto.

—Sabe uma coisa, meu pequeno lord? Falar de fadiga quando se está comigo é offender-me...

—Não estou habituado a estar tanto tempo acordado, tornou Harry; meu tio quer que eu me deite sempre ás 10 horas, e já é meia noite...

—Tem razão, meu filho, disse de repente Lola em tom maternal, vá deitar-se, vá...

—Boa noite, Madame!

—Boa noite, meu filho, tornou ella rindo.

Lola deitou-lhe os braços admiravelmente torneados em volta do pescoço, beijou-o primeiro na testa, em seguida nos olhos, e por fim, com indizível ardência, nos labios...

Harry estremeceu.

Viu então que profundo conhecimento tinha Sherlock Holmes do coração humano, quando elle recomendou a maior prudência.

Viu o perigo em que se encontrava, o perigo terrível que irradiava d'aquella extraordinaria mulher de belleza immortal, que pretendia faze-lo esquecer o seu dever.

Soltou-se-lhe bruscamente dos braços.

—Boa noite, disse elle córando até á raiz dos cabellos. Até amanhã...

E sahio rapidamente do balcão dirigindo-se ao seu quarto.

Lola seguiu-o com um olhar de profunda meiguice.

—Que lindo que é o pequeno, que labios deliciosos! murmurava ella. Ah! Seria este o primeiro homem que resistiria á minha seducção...

«Mas eu tentarei conquista-lo pouco a pouco. Seria tolice querer fazer tudo de uma vez...

«Não devo deixar escapar uma palavra ou um gesto que possa accordar n'elle uma suspeita contra mim.

«Não. O melhor é enebriar-lhe pouco a pouco os sentidos, envenenar lentamente aquelle peito com o veneno da paixão, até que elle venha por si cahir-me aos pés, chorando e podindo-me que o escute.

«Então será meu, o pequeno lord; então farei tudo aquillo que eu quizer.

«Entretanto é preciso arrumar todos os meus negocios em Paris.

«E' preciso enterrar aqui o meu segredo, quando eu partir com o pequeno.

«Esquecerei todo o meu passado, destruirei todas as provas d'elle, a para isso é indispensavel acabar com o homem que a estas horas ainda...

O seu pensamento ficou n'esta reticencia, mas o seu olhar brilhava como o de uma fera.

—Ah! porque o deixei eu sahír dos meus braços! continuou ella comsigo, desfazendo o penteado e dei-

xando cahir livremente as suas tranças doiradas. «Agora queria beija-lo, aperta-lo contra o meu peito...

«Mas, paciencia. Esperemos algum tempo ainda; o pequeno lord não será como tantos outros o meu amante, mas sim o meu marido...

«Lady Lola Dunford! Ah! como este nome soa bem, como farei carreira com este titulo! E quando penso na lama de onde sahi, e quando me lembro da comedia que se representa na vida... ah! ah! que ridiculos que são os homens... ah! ah!...

CAPITULO VI

Harry Taxon—o gatuno

Harry Taxon passeava impaciente no seu quarto. Tinha aberto a janella e respirava agora o ar balsamico que se evolava do jardim. O sangue corria-lhe tempestuosamente nas veias.

—Como me encontrará elle d'aqui a quatro dias, meu Deus! Holmes tinha razão. Foi um papel muito perigoso o que me distribuiu.

«Mas seja como for, o meu dever é não envergonhar o mestre. Nunca!

«Para prova-lo, vou immediatamente encetar a minha tarefa.

«Que horas serão?

Consultando o relógio verificou que faltavam dez minutos para as duas.

Então despiu-se e tirou da mala que Sherlock Holmes lhe mandara do hotel o *fato sombrio*.

Era uma invenção do genial criminalista, e consistia n'um fato de malha negro, que cobria todo o corpo da cabeça aos pés, e tornava invisivel na sombra qualquer pessoa que o vestisse.

Com este fato podia um homem mover-se durante a noite em ruas escuras ou em quartos pouco illuminados, sem ter receio de ser observado, mesmo que passasse uma pessoa a cinco passos de distancia.

Harry vestiu pois o *fato sombrio*, que se ajustava perfeitamente ao seu corpo.

Depois afivelou ao cinturão negro um saco da mesma cor, dentro do qual se encontrava toda a ferramenta do bom gatuno: chaves-falsas, gazuas, pés de cabra, etc.

Por ultimo pegou na lanterna electrica, e achou-se equipados para dar começo á sua nova aventura.

A sua missão consistia em arrombar a secretaria no *boudoir* de Lola, e examinar os papeis que encontrasse.

Harry Taxon suppunha que podia trabalhar á vontade n'esse apozento, tanto mais que o quarto de dormir da dona da casa ficava separado do *boudoir* por trez outros apozentos.

De resto, sabia deslizar as longo das paredes com todo o cuidado, silencioso e paciente como uma pelle vermelha.

Abriu cuidadosamente a porta e espreitou para o corredor.

Em casa reinava profundo silencio.

Toda a gente devia dormir áquella hora: os creados, no andar terreo, pouco o preocupavam, e Lola dormia decerto tambem—aquelle corpo formosissimo reclinado em almofadas de seda...—dormia, e sonhava porventura com elle...

Harry sabia bem que Lola se apaixonára por elle, tinha-o lido nos olhares ardentes, d'essa noite.

Os seus beijos escaldavam-lhe ainda os labios, e no seu peito havia ainda a impressão que ahi deixára o seio d'ella.

Desceu com as maiores precauções até ao primeiro andar, e abriu sem ruido a porta do quarto de vestir de Lola.

Alguns passos ainda, e encontrou-se em frente da secretaria de ébano, onde sem duvida Madame Bon-tou tinha guardados os seus segredos.

Harry experimentou as chaves falsas.

Depois de algumas tentativas infructíferas, a gaveta grande foi aberta sem difficuldade.

Harry nem sequer precisava servir-se da lanterna de furta fogo, pois o luar brilhava tão claro atravez da vidraça, que se podia mesmo ler á luz d'elle.

A primeira coisa que encontrou foi um masso de cartas de amor, que provavam a vida de dissipação e o caracter desleal de má esposa que possuia Lola Bontou.

N'essa gaveta não encontrou papel algum que esclarecesse o passado da formosa parisiense.

Harry não se impacientou.

Elle sabia bem que uma mulher como aquella não confiava sem mais nem menos um segredo de importancia á indiscreção de uma gaveta que podia esquecer aberta.

Ali devia haver qualquer compartimento secreto.

Começou a examinar o movel por todos os lados, mas não encontrou o que procurava.

De repente notou que as pernas da meza eram extraordinariamente grossas.

Lembrou-se de que já se teem encontrado papeis escondidos nas pernas dos moveis.

Accendeu immediatamente a lanterna furta-fogo, poz-se de cócoras e examinou longamente a perna suspelta.

D'ahi a pouco descobriu um pequeno buraco disfarçado pela parte de dentro.

Não havia duvida que era uma fechadura. Mas foram baldados os esforços que empregou para a abrir com a gazua.

Durante vinte minutos não conseguiu o que desejava.

Por fim introduziu no orificio um arame de aço. Então a fechadura cedeu, e a perna abriu-se em duas, deixando ver o compartimento de segredo.

A primeira coisa que lhe chamou a attenção foi uma caderneta velha e amarellada, que examinou logo á luz da lanterna.

Era extraordinario!

Na capa estava escripto: Livrete de matricula de Lola Carousse.

Por baixo havia um carimbo da policia.

Harry estremeceu.

Acabava de descobrir o segredo de Lola.

Elle sabia bem o que significava aquelle livro.

Elle sabia que em posse de semelhantes objectos se encontram apenas as desgraçadas que, não só em Paris, como em todas as grandes cidades, vendem por dinheiro o seu amor, e estão sujeitas á vigilancia da policia e á fiscalisação dos medicos.

Folheando este livro constatou que Lola Carousse se apresentára regularmente á fiscalisação official e exercera durante algum tempo aquelle triste mister.

Lola—não provava esse nome que o livrete não estava ali por mero acaso? Não provava que provavelmente Lola Carousse e Lola Bontou eram identicas?

Harry concluiu immediatamente que Madame Bontou se chamara Lola Carousse antes do seu casamento, e não era por consequencia a filha de um coronel morto em Africa.

--Aqui está uma descoberta importante, murmurou elle, não haverá ainda por aqui outro segredo?

Viu ainda algumas cartas sem importancia, escriptas cinco annos antes á dona do livrete. Em todo o caso metteu-as na bolsa, juntamente com o livrete.

Harry ia a fechar o compartimento secreto, quando deparou com uma carteira grande de couro da Russia.

Estava velha e usada, mas devia ter sido um objecto de grande valor.

—Entregarei tambem esta carteira ao mestre, pensou elle, e metteu-a no sacco, de companhia com o livrete e as cartas.

Em seguida fechou o segredo, verificou que não ficava no *boudoir* vestigio algum da sua passagem apagou a lanterna e preparou-se para sahir.

Ia já a estender a mão para a porta, quando esta se abriu de repente.

Harry deu um salto para traz, e cerrou os dentes para não soltar um grito.

Na sua frente, apenas revestida com uma camisa de renda, com os cabellos soltos sobre o corpo de neve, estava uma mulher, bella como elle nunca tinha sonhado:—Lola!

Mas o olhar d'essa mulher já não o fitava com o mesmo amor e o desejo de ha pouco.

Era um olhar de tigre, um olhar de odio e de rancor, onde faiscavam clarões de vingança.

—Ladrão! Ladrão! rugiu ella. Tinhas-te introduzido em minha casa para me roubares... suppoes que não tinha desconfiado do teu titulo pomposo? Felizmente cheguei a tempo de desmascarar-te!

Dizendo estas palavras, carregou n'um botão electrico, e immediatamente uma campainha começou a vibrar no corredor.

—Os meus criados vão apparecer já. Não tarda que chamem a policia e sejam conduzido á prisão, acrescentou Lola.

«Suppunhas que eu estava dormindo, mas enganaste-te redondamente. ninguém me apanha desprevenida com tanta facilidade...

«Para traz, ou mato-te como um cão!»

Harry tinha feito um movimento para sahir.

No mesmo instante, um revolver brilhou nas mãos da mulher.

—Mãos no ar! ordenou ella com voz máscula. Levantas os braços, ou disparo immediatamente. Não imagines que são vãs ameaças, sei muito bem que tenho o direito de matar como um animal feroz todo o ladrão que se introduzir em minha casa para me roubar.

«Levanta as mãos, ou faço uso d'esse direito!»

Harry comprehendeu que era inutil resistir e ergueu resignadamente os braços.

No andar terreo do predio ia agora uma azafama enorme.

Os criados levantavam-se apressadamente.

—D'aqui a alguns minutos estou *filado*, pensou Harry.

«Que farei eu agora, preso como gatuno?»

Harry Taxon não pensava em si nem na semsaboria da sua situação.

Não era a prisão que o aterrorisava. O caso havia de esclarecer-se, pois estava ali no exercicio da sua profissão e por ordem do seu mestre e amigo.

Ora Sherlock Holmes tomara como sempre a responsabilidade da missão que lhe confiara, de forma que por esse lado estava completamente tranquillo.

Mas os objectos que encontrara no compartimento secreto, o livrete e a carteira, como conseguir faze-los chegar ás mãos de Sherlock Holmes?

Como conseguir que não fossem de novo entregues a Lola Bontou, antes de terem sido examinados pelo mestre?

N'este ultimo caso todo o seu trabalho teria sido baldado, como baldado teria sido o excellente plano formulado por Holmes.

Não, era preciso evitar essa catastrophe.

De forma nenhuma deixaria ficar ali os preciosos objectos que encontrára.

Mas que fazer? Saltar pela janella?

Arriscar-se-hia a ficar despedaçado no passeio, pois a queda seria fatalmente mortal.

Todos estes pensamentos lhe atravessaram o cerebro em menos de um segundo.

De repente lembrou-se de se atirar a Madame Bontou, para tirar-lhe o revolver das mãos e abrir caminho á força.

—Para traz! gritou Lola, ao vêr esse movimento. Para traz!

«Queres arrancar-me a arma; pois bem, ahi tens o que mereces...»

Soaram trez detonações.

A mulher acabara de disparar o revolver contra Harry Taxon.

Felizmente, as trez balas foram-se cravar no tecto do aposento, pois o manco tinha-lhe segurado a mão a tempo de desviar a pontaria.

N'este instante appareceram os creados, e Harry viu que nada mais podia fazer.

Uma ideia atravessou-lhe rapidamente o cerebro. Era preciso salvar os documentos, custasse o que custasse.

Approximou-se da janella, abriu-a de par em par, e gritou com toda a força dos seus pulmões:

—Socorro! Policia! Socorro!

«Ha ladrões em casa! Socorro!»

Olhando para a rua teve a agradável surpresa de ver dois agentes que passavam precizamente n'essa occasião.

—E' uma esperteza de rato! gritou Lola aos creados.

«Já se viu alguma vez o proprio gatuno chamar pela policia?»

«O maroto quer simplesmente preparar a fuga, mas engana-se redondamente.

«E' preciso guardar todas as portas, de forma a cortar-lhe a retirada, caso elle tente sahir!»

Mas não era essa a intenção de Harry.

Cruzára os braços sobre o peito e encostára-se á janella, contemplando aquella scena com um sorriso nos labios.

Agora tinha desaparecido do seu espirito todo o encanto com que o influenciára aquella formosissima creatura. Não via n'ella mais que a criminosa, que a todo o custo era preciso desmascarar.

Os dois policia batiam precipitadamente á porta.

Os creados foram abrir, e conduziram-n'os ao *boudoir* de Lola.

—Que se passou? disse um d'elles. Ouvimos gritos de socorro... parece-me que se tratava de um assalto dos gatunos...

—Muito obrigado por terem acudido immediatamente, meus senhores, disse Lola. Sou eu a dona d'esta casa.

«Aquelle homem introduziu-se aqui sob um nome falso, e tentou roubar-me esta noite.

«Surpreendi-o em flagrante, precizamente no momento em que elle ia arrombar a minha secretaria. E' possivel mesmo que a tenha arrombado».

—Está vestido de maneira muito singular, exclamou um dos policia. Não traz senão um fato de malha preto!

—O que tem a responder á accusação d'esta senhora? perguntou o outro.

—Essa senhora tem carradas de razão, respondeu com flegma Harry Taxon.

«Tentei rouba-la, e agora só peço que me conduzam á esquadra».

—E' um gatuno singular, murmurou um dos agentes abanando a cabeça.

«Nunca vi nenhum ladrão pedir formalmente que o conduzam ao calabouço.

«Bem. Em nome da lei, está preso. Queira acompanhar-nos».

Os dois policia collocaram-se aos lados de Harry que não offereceu a menor resistencia.

— Alto! exclamou de repente Lola Bontou.

«Queiram ter a bondade de o revistar na minha presença. Tenho interesse em saber que objectos me foram roubados...»

—E eu protesto energicamente contra o facto de ser revistado neste local, interrompeu Taxon com energia.

«Prestar-me-hei de boa vontade na esquadra a essa formalidade.

«Estou no meu pleno direito. Só o senhor commissario de policia tem auctoridade para me revistar!»

—Lá n'isso tem razão, respondeu um dos policia cofiando a barba. Vamos leva-lo immediatamente á presença do commissario. Bem, vamos embora.

«Boa noite, minha senhora, queira dormir descansada; o homem está seguro, e com certeza que não lhe queria estar na pelle...»

Desoeram a escada, com Harry Taxon prudentemente agarrado pelos braços e encontraram-se em breve na rua.

Pelo caminho, o mancebo pensava no partido que podia tirar da sua situação.

Objectos de valor não lhe encontrariam decerto quando fosse revistado. O peor era o livrete e a carteira.

Esses objectos é que lhe seriam tirados immediatamente.

Que fazer? Declarar toda a verdade? Confessar que era o discipulo de Sherlock Holmes, e que se encontrava na execução das ordens do mestre?

Seria esse o meio mais simplés.

Immediatamente appareceria Sherlock Holmes e explicaria os factos.

Mas Harry conhecia sufficientemente o mestre para saber que enorme contrariedade esse facto não representaria para elle.

Entregar nas mãos da policia official um caso que tinha quasi completamente esclarecido á custa do proprio esforço!

Resolveu por isso calar-se e esperar pacientemente os acontecimentos.

Por fim Holmes saberia da tentativa de roubo em casa de madame Bontou, e elle resolveria o que havia de fazer.

O peor eram aquelles dias de prisão, mas Harry tinha a consciencia tranquilla, e a satisfação de ter cumprido rigorosamente o seu dever.

Finalmente foi conduzido á presença do commissario.

Os agentes relataram pormenorissadamente o caso, e o interrogatorio começou em tom severo:

—O nome?

—Não sei.

—Homem, você é capaz de afirmar que não conhece o seu nome?

«Percebo. Pretende representar um papel mysterioso. Contudo, repito a pergunta: quem é e o que pretendia fazer em casa de madame Bontou?

—Não sei absolutamente nada, respondeu Harry Taxon.

«Faça de mim o que quizer, senhor commissario,

—Traz vestido um *fato sombrio*, murmurou o commissario. E' um novo invento de que se servem os gatunos para se introduzirem de noite nas casas que pretendem roubar.

«Parece que pertence á gatunagem da peor especie.

«Bem, amanhã será photographado, e enviaremos o seu retrato a todas as auctoridades. Não tardaremos assim em saber quem é o «melro».

«Tirem-lhe o sacco que elle traz pendurado á cintura».

Os agentes cumpriram a ordem do commissario sem encontrar a mais pequena resistencia.

Foram collocando successivamente sobre a meza as gazuas, chaves falsas e limas em que consistia o conteúdo do sacco.

—Cá temos a ferramenta completa, disse o commissario rindo.

«Bem, não precisamos de mais provas.

«Espera! Ainda ha aqui alguns objectos!

«Um livrete de matricula de uma desgraçada, provavelmente a amante do gatuno, e ainda... uma carteira velha, completamente vazia.

«Bem, conduzam-no ao calabouço.

«Amanhã o juiz de instrução encontrará meio de o fazer fallar...»

Eis como Harry Taxon foi enclausurado nas prisões de Paris.

CAPITULO VII

Conversação ao telephone

Sherlock Holmes abandonára o hotel onde se tinha installado sob o nome de coronel Lincoln e desapparecera subitamente.

Agora, morava o celebre criminalista na rua de St. Martin na pequena casa de hospedes intitulada «Hospedaria do Sol», frequentada em regra por gente de baixa condição.

Chamava-se ali o sr. Raleigh, commerciante de Londres, vindo a Paris para tratar de negocios.

No dia seguinte, á meza do almoço, acabara de accender o cachimbo e passava pela vista um jornal da manhã.

Mas apenas começara a ler, soltou uma exclamação de surpresa.

—Diabo! Não pode ser outra coisa... Harry Taxon foi preso. Não me resta a menor duvida...

«O homem a quem se refere esta noticia não pode ser outro senão o meu discipulo».

O artigo em questão referia-se a uma tentativa de roubo feita em casa de madame Lola Bontou na rua do Jardim.

«Parece, dizia o jornal, que este crime foi preparado com bastante antecedencia, visto que um *escroc*, sob o falso nome de coronel Lincoln—sou eu, murmu-

rou Sherlock Holmes—se conseguiu introduzir nas relações da dona da casa.

«Pouco depois apresentou-se com um sobrinho, um joven inglez de excellente aspecto, que se intitulava lord Dunford.

«O coronel Lincoln pediu a madame Bontou, pretextando uma viagem de negocios a Londres, que desse hospitalidade a seu sobrinho, visto que o «esperancoso» rapaz conta apenas dezeseis ou dezeseite annos.

«Essa senhora teve effectivamente a amabilidade de aceder ao pedido, e o pretendido lord hospedou-se hontem em sua casa.

«A primeira noite que ali ficou pretendeu o joven «aristocrata» introduzir-se no *boudoir* da dona da casa, vestido com um fato de conhecido pelo nome de *fato sombrio*, afim de arrombar a secretaria.

«A tentativa porém, mallogrou-se, pois madame Bontou, que allia a uma extraordinaria formosura uma coragem verdadeiramente rara, surpreendeu o gatu-em flagrante, e obrigou-o, de revolver em punho, a esperar a chegada da policia, que effectou a prisão do criminoso.

«As autoridades procuram activamente o cumprimento, que se intitulava coronel Lincoln, e é sem duvida o auctor do plano. Queira Deus que em breve fiquemos livres d'estes dois ladrões internacionaes».

Sherlock Holmes pôsou o jornal e sacudi a cinza do cachimbo.

—Bem, murmurou elle sorrindo. As auctoridades procuram me activamente... Vamos lá facilitar a tarefa da policia, pois sei perfeitamente que nunca me encontrará, se eu proprio não me apresentar...

«Senhor Meunier!»

O dono da casa appareceu acto continuo.

—A's suas ordens, sr. Raleigh. Que deseja?

—Ha telephone cá em casa?

—Sim senhor, no quarto contiguo, á direita...

—Muito obrigado, respondeu Holmes, levantando e dirigindo-se para a porta.

D'ahi a instantes, como o auscultador no ouvido, o policia fallava, inclinado para o apparelho:

—Hallô! Hallô... Faça favor de ligar com a perfeitura... Está lá?... Muito obrigado. Quem falla?... Faz obsequio de chamar o agente Augustin ao telephone... Sim senhor, eu espero. Queira dizer-lhe que se trata de um negocio de grande importancia...

*Holmes esperou um pouco, até que uma voz confusa lhe chegou aos ouvidos.

—Aqui, perfeitura de policia, agente Augustin. Quem falla?

—Coronel Lincoln, respondeu Sherlock Holmes.

—Quem?

—Coronel Lincoln, um dos *escrocs* internacionaes.

—Deixe-se de brincadeiras com a auctoridade.

—Não é brincadeira, senhor Augustin. Tenha a bondade de vir immediatamente á «Hospedaria do Sol», rua de St. Martin, e aqui encontrará o coronel Lincoln, hospedado sob o falso nome de Raleigh, commerciante de Londres...

A campainha do telephone vibrou, como se Augustin quizesse despedaçar o apparelho.

Holmes voltou á sala de jantar, e chamou novamente o dono da casa.

—Traga-me um calice de vinho do Porto, e se alguem vier procurar-me queira mandar entrar para aqui. Não foi preciso esperar muito.

Uma carruagem parou em frente da hospedaria, e o agente Augustin, acompanhado por trez policiaes, apoeu-se precipitadamente.

Os quattros homens irromperam no vestibulo, perguntando:

—Mora aqui o commerciante Raleigh, de Londres?

—Mora, sim senhor, respondeu o dono da casa, inquieto á vista da policia. Mas... ha alguma novidade?

«Está na sala de jantar a beber vinho do Porto...

—Tão á vontade? exclamou Augustin. Pois não lhe hade durar muito esse socego...

Então ordenou aos trez agentes que esperassem ali, e não deixassem sair nem entrar ninguém.

Em seguida abriu violentamente a porta da sala de jantar.

Holmes estava sentado em frente do seu calice, com a cabeça propositadamente encostada ás mãos, pois não queria ser immediatamente reconhecido.

Augustin entrou, paiseu-lhe solemnemente a mão no hombro e exclamou:

—Em nome da lei, coronel Lincoln, está preso!

—Muito obrigado, respondeu Holmes, levantando a cabeça. Estou muito satisfeito comsigo. Não imagina quanto estimo de o vêr aqui...

—Homem... Holmes, é o senhor!

—Em carne e osso!

—Então quiz apenas pregar-me uma partida, e attrahir-me aqui, para se rir á minha custa?...

«E eu que suppunha vir realisar a prisão do coronel Lincoln!

—O coronel Lincoln está na sua frente, respondeu Holmes, levantando-se e apertando cordealmente a mão do agente.

«Sou eu o coronel, e o gatuino que esta noite foi preso em flagrante delicto de arrombamento em casa de Madame Bontou, é apenas o meu discipulo Harry Taxon...

Augustin começou a perceber tudo.

Reflectiu um instante, e dirigiu-se á ante-camara, ordenando aos seus agentes.

—Podem retirar-se. Não ha mais nada que fazer aqui.

«Sabe, meu caro Sherlock Holmes, continuou Augustin d'ahi a pouco, que me pregou uma valente peça... Mas deixa-lo. Suspeito que ha qualquer dos seus planos extraordinarios em execução.

«De resto, como o rapaz da rua do Jardim não é outro senão o seu discipulo Harry Taxon, sempre lhe dou uma novidade que o deve interessar.

«Quando o prenderam, foram-lhe encontrados dois objectos, que são para nós absolutamente mysteriosos.

—Sim? exclamou Holmes com interesse. E o que era?

—O livrete de matricula de uma mulher perdida.

«Esse livrete tem o nome de Lola Carousse.

Holmes abriu desmesadamente os olhos e ficou um momento silencioso.

—Lola Carousse, disse o meu amigo? Espere! Não se chamava Carousse aquelle trapeiro que ha cinco na madrugada de 8 d'agosto, foi encontrado morto no boulevard Haussmann?

—Holmes, o senhor tem excellente memoria! Admiro-o tanto mais, quanto o facto a que se refere é profundamente exacto.

«Effectivamente o homem chamava-se Carousse e, como tive occasião de vêr nos registos da policia, a filha d'elle, Lola, estava matriculada e exercia o seu desgraçado mister em Paris.

Holmes começou de repente a esfregar as mãos como um pelle vermelha no auge do contentamento, e assobiou devagarinho uma melodia conhecida.

—Havia ainda outra coisa na bolsa de Harry Taxon, continuou Augustin.

«Era uma carteira de coiro da Russia usada, de dimensões pouco vulgares, no forro da qual consegui ler, em letras de oiro meio apagadas, o nome de Bontou & Irmãos...

Sherlock Holmes deu um salto, precipitou-se sobre o agente e abraçou-o com effusão.

—O senhor é um homem precioso, Augustin, e as suas informações não se pagam com dinheiro nenhum.

«Lola Carousse, a mulher perdida, filha do trapeiro Carousse, e a carteira usada de coiro da Russia—Viva a velha Inglaterra mais a Republica Franceza! —está descoberto o mysterio!

CAPITULO VIII

O prisioneiro

No mesmo dia em que tivera logar esta conversação na «Hospedaria do Sol», quando o sino de Notre Dame batia onze horas da noite, uma mulher envolta n'um amplo manto atravessava as viellas de Paris.

Era uma capa de vil preço, como era egualmente ordinario o pequeno chapéu, galantemente pousado sobre uma cabelleira fulva.

A mulher apressou o passo até chegar ao arrabalde Batignolles, esse bairro parisiense onde a miseria vive a par do crime.

Em frente de uma casa de modestissima apparencia, parou. Olhou muito prudentemente para todos os lados a vêr se não era observada, e entrou a porta, sem fazer ruido.

Como um phantasma, deslizou através do pateo, cheio de entulho e de lixo, e parou em frente de uma porta de ferro, que seguindo as apparencias, conduzia ao subterraneo.

Então tirou uma chave da algibeira, tornou a olhar em volta e abriu resolutamente a porta.

No mesmo instante, de dentro de uma pipa encostada a um canto do pateo surgiu uma cabeça, e dois olhos claros onde brilhava um clarão de triumpho, seguiram a mulher, que accendia n'esse momento uma pequena lanterna de furta fogo.

Em seguida desceu alguns degraus de uma escada infecta, e parou quasi ao fundo.

No subterraneo havia montes de lixo e de cacos, ferros velhos, substancias em decomposição.

Ella levantou a lanterna de forma a illuminar a parede fronteira do subterraneo. Ouviu-se um tinir de cadeias de ferro e um rugido surdo como o de uma fera acorrentada.

—Filhinho! Filhinho! Ainda és vivo? segredou ironicamente a mulher, cujos cabellos fulvos apresentavam á luz da lanterna o aspecto de chamas.

«Meu pequeno Mauricio. Dança mais um bocadinho... gosto tanto de vêr dançar os ursos...

—Mulher! Mulher maldita! uivou uma voz com expressão de horror.

Dir-se-hia uma creatura sobrenatural, um monstro sem forma humana que pronunciara aquellas palavras.

—Quero morrer, mulher! continuou a voz do subterraneo, quero morrer mas antes d'isso quero rasgar o teu corpo em pedaços, quero desfazer a tua carne fibra por fibra...

—Queres despedaçar o meu corpo, Mauriciozinho! ah! ah! Despedaça-te a ti mesmo com as unhas, filho; bate com a cabeça n'essas paredes... Para que tives- te a imprudencia de descobrir o meu segredo? Para que quizesse metter te na minha vida? para que me ameaçaste? para que tentaste trahir-me?...

—Infame! Infame! rouquejou o vulto, erguendo-se do chão. Envenenaste a minha vida...

«Ha um anno! Não, não! ha dez annos com certeza que me tens preso a estas cadeias, que o teu amante, o ferreiro, me soldou aos pés. Foste tu que lh'o ordenaste. Sabe Deus se já te desfizeste tambem d'elle...

—Estás doido! tornou a mulher.

«O ferreiro recebeu a paga do seu serviço, e partiu para a America.

«Que lá tenha morrido de febre amarella, não é culpa minha.

«Mas hoje venho trazer-te de comer, continuou a infernal creatura.

«Toma! Ahi tens a razão... Apanha, homem, toma; deves ter fome...

Tirou de sob o manto alguns pedaços de carne e arremegou-os como faria um domador de feras.

O vulto de cabellos crescidos, cujo rosto medonho era agora illuminado em cheio pela luz da lanterna, precipitou-se ávidamente sobre os pedaços de carne, como o faria um cão esfaimado preso a uma corrente.

Havia muitos dias que lhe não tinham levado de comer.

—Devora! exclamou a mulher, rindo. Come filho..

Hoje, o teu jantar foi a morte, Mauriciosinho, porque a carne estava envenenada...

N'este momento ouviu-se uma voz solemne.

—Em nome da lei, Lola Bontou, está presa como assassina.

«E' accusada de ter morto seu pae e seu marido».

Lola voltou-se e soltou um grito terrivel.

Na sua frente estava Sherlock Holmes, hirto, como a propria estatua da lei.

Atraz do celebre policia viam se alguns agentes, que impediam completamente a sahida.

—Perdida! Perdida! rugiu a mulher fulva.

Quiz recuar. De repente deu um passo em falso, e o seu corpo lindo de mulher rolou até ao fundo do subterraneo.

—Tenho-a! Tenho-a agora! uivou o prisioneiro com satisfação selvagem.

D'um salto, o homem acorrentado precipitou-se sobre o corpo de Lola, e ergueu-o acima da cabeça com força sobre humana.

Lola quiz gritar, quiz ainda soltar-se d'aquellas garras a que a sêdo de vingança tinha dado a resistencia do aço, d'aquellas unhas que se lhe cravavam dolorosamente na carne.

Era tarde.

Antes que Sherlock Holmes e os agentes podessem impedi-lo d'isso, o homem arremeçou o corpo com indizivel furia contra o pavimento de granito.

O craneo da mulher despedaçou-se de encontro ás lages, e as tranças louras jaziam agora no chão, banhadas n'um lago de sangue...

—O prisioneiro acaba de exercer a sua terrivel vingança, disse Sherlock Holmes. A mulher perdida não pode já comparecer ante a justiça dos homens...

Esta scena passára-se no subterraneo onde cinco annos antes morava o tio Carousse.

Mauricio Bontou foi immediatamente liberto das cadeias que o acorrentavam. Mas estava moribundo quando o trouxeram para o ar livre.

O infeliz teve apenas tempo sufficiente para contar a sua vida a Sherlock Holmes.

Na sua adolescencia, apertado pelas dividas, assassinara Jacques Girardin depois de o ter atrahido a uma cilada.

Para evitar toda a suspeita de crime pendurara o empregado a uma trave, afim de fazer suppor que se tratava de um suicidio, e roubara a carteira com os 500:000 francos.

Depois vagueára toda a noite pelas ruas de Paris, e pouco antes da madrugada, tomado de horror, atirara a carteira com o dinheiro para um monte de lixo, á esquina de um Boulevard.

Ahi fôra encontra-lo o tio Carousse. O resto souberam-n'o os leitores, ao ler o primeiro capitulo d'esta novella.

Mauricio Bontou encontrára mais tarde a criminosa em Ostende, apaixonára-se por ella e acabára por faze-la sua mulher.

E' claro que um casamento d'estes devia forçosamente terminar mal.

Lola tentou desfazer-se do marido logo que este se lhe tornou incommodo, e mandára-o acorrentar no subterraneo do tio Carousse.

Sherlock Holmes porém, graças ao seu extraordinario espirito deductivo, e á sua incomparavel energia, para a qual não havia obstaculos, conseguira descobrir a verdade no meio d'este intrincado caso.

D'essa forma rehabilitou a memoria do honrado Jacques Girardin, e vingou o pobre velho, o tio Carousse—o trapeiro de Paris.

FIM.

Ler no proximo numero:

Os ciumes do lord

Aventuras extraordinarias de um policia secreta

60 rs.

cada numero contendo sempre
uma obra completa

rs. 60.

Redacção e administração de

A NOVELLA POPULAR

11, Rua Ivens 13
Lisboa

Collecção Amorosa

NOVELLAS E CONTOS DOS MAIS CELEBRES AUCTORES

Publicação quinzenal—Edição de luxo

100 rs.

Cada volume com bella
capa artistica

rs. 100

A nova publicação, que lançamos a publico n'uma edição esmerada e no alcance das bolsas menos abonadas, formará uma preciosa collecção das mais lindas novelias e contos que a litteratura mundial tem produzido.

Inserindo apenas trabalhos devidos a escriptores consagrados, constituirá uma pequena bibliotheca de raro merecimento litterario, precioso escripto de verdadeiras maravilhas d'arte.

Acham-se já publicados:

O Segredo de Suzanna, por M. Prévost Uma lição, por Emile Zola Missão delicada, por M. Prévost Historietas brejeiras, por Armand Sylvestre Seis mulheres por um homem, por C. Aubert Contos do convento, por Catulle Mendès A conquista do amor (Nantas), por Emile Zola.

No prelo:

N'uma noite de verão, por Emile Zola. Casamento d'amor, por Ludovico Halevy. Quadros vivos, por T. de Banville.

Pedidos a

Typographia Lusitana Editora, 11, R. Ivens 13

MODERN-BIBLIOTHECA

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercaladas
no texto

A Modern-Bibliotheca será constituida por edições luxuosas e artisticas, todavia accessiveis aos menos abonados, offerendo-lhes, por baixos preços, as obras primas dos melhores escriptores modernos, dos grandes mestres do romance naturalista, baseadas em factos da vida real, analysados com invulgar observação e critica salutar.

Volumes publicados

I—Ditoso Lar, por Marcel Prévost

II—Aphrodite, por Pierre Louys.

III—Prima Laura, por Marcel Prévost.

Em preparação

Em Ferias, de Henry Regnier—Cartas de mulheres, por Marcel Prévost—Sire, de Henry Lavedan—Andre Corneille, de Paul Bourget—Memorias d'um fidalgo, de Abel Hermant, etc., etc.

Preço 500 réis

O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Romances de amor—Romances de aventuras—Romances de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs.

Cada volume in-8.º brochado, com es-
plendida capa artistica

Rs. 100

Volumes publicados

A enterrada viva, por Jules Lermina

O mascarada negra (Proezas de Raffles) por E. W. Hornung

O segredo do abysmo, por G. Le Faure

O castigo d'um falsario (Proezas de Raffles).

O Amante da rainha, por Jean de Kerlocq

O roubo das reaes ordens (Proezas de Raffles)

Um thesouro n'um atadeo (Proezas de Raffles)

Um rival de Sherlock Holmes, por Hector Fleischmann

Um aventura nocturna (Proezas de Raffles)

Um parisiense na Persia, por Paul d'Ivoi

A apparecer brevemente

O estratagemas d'um banqueiro

A publicação das

PROEZAS DE RAFFLES

O GATUNO AMADOR

alternará no Livro Popular com novelias d'outros auctores, seleccionadas com o maior escripto.

Dirigir pedidos a

Typographia Lusitana Editora, 11, Rua Ivens, 13, Lisboa

Collecção Galante Illustrada

Explicendos romances de amor, com magnificas
photogravuras

A publicação mais barata de Portugal

300 rs.

Cada volume com bella
capa artistica

rs. 300

Volumes publicados

I Memorias de uma mulher bonita, por E. Feydeau (2.ª edição).—II e III Veneno dos labios, por René Emery.—IV Deus do amor, por Jean Valgoire.—V Estrointes de mulher, por Jean de Merlin.—VI e VII As sacerdotizas de Mylitta, por Jane de la Vaudère.—VIII Supremo abraço, por Victorien du Saussay.—IX Flor de Volupia, por Saint-Médard.—X O peccado da baroneza, por Victor Joze.—XI Tormentas de amor, por Guy de Téraumont.—XII Noites de prazer, por Victorien du Saussay.—XIII Hora propicia, por René Emery.—XIV Virgens em flor, por René Emery.—XV Voluptuosidades imperiaes, por Guy de Téraumont.—XVI Furor amoroso, por Saint-Médard.—XVII O Harem de Syta, por Jane de la Vaudère.—XVIII Amante ideal, por Victorien du Saussay.—XIX Manobras conjugaes, por Theodoro Cahu.—XX Biblia do amor, por René Emery.—XXI As mulheres dos outros, por G. de Téraumont.—XXII As que escoregam, por Theodoro Cahu.—XXIII Delirios da carne (Amores de uma freira), por Victor Nadal.—XXIV Educação amorosa, por René Maizeroy.—XXV Rainhas d'Alcova, por Amadeu Boyer.—XXVI Sorêla, por René Maizeroy.—XXVII As ultimas bacchantes, por Jean Gravigny.—XXVIII O menino bonito, por Jean Valgoire.

Em preparação

XXIX—Viúvas ardentes, por Victor Joze.

Pedidos a:

Typographia Lusitana Editora

Grandes Armazens do Chiado

Lisboa-Porto

PREÇOS DAS FABRICAS

Os Grandes Armazens do Chiado são os maiores estabelecimentos do paiz que maior sortido tem e que mais barato vendem!

As nossas secções são outros tantos estabelecimentos

N'ellas encontram todas as pessoas a maior variedade de artigos e as mais economicas vantagens.

Secções de lãs, sedas, veludos, modas e confeções, fanqueiro, pelles, chapéus para senhora e cavalheiro, bengalas e guarda-chuvas, perfumaria, retrozeiro, rouparia, malhas, luvas, gravatas, alfaiataria, artigos de viagem, sapataria, brinquedos, bazar, novidades, relojoaria, cutellaria, artigos de cozinha, e de iluminação, moveis e estofo.

Grande galeria de utilidades domesticas

A mais vasta galeria do paiz, onde todos adquirem barato tudo o que é necessário á vida domestica.

Recommendamos o nosso chá, café e manteigas, o melhor que ha no genero.

As nossas fabricas

Devidamente montadas para o fabrico de sedas, velludos, fitas, malhas, pelles, chapéus, gravatas, luvas, botões, artigos de folha, etc., permitem vender os seus productos por menos 50 %, do seu valor corrente.

Ateliers de modas e confeções, chapéus para senhora e alfaiate

Dirigidos por modistas francezas e pelos mais habéis contra-mestres na arte de cortar.

Arvores do Natal!

Brinquedos e brindes!

No actual momento a nossa exposição de Natal fornece o meio de adquirir os mais engenhosos brinquedos e os mais lindos objectos para brindes, gastando pouco dinheiro.

As nossas arvores do Natal, um formoso lago e uma brilhante iluminação electrica abrilhantam a nossa exposição.

Brindes todos os dias! Retalhos ás sextas-feiras!

Em junho proximo, nova e sensacional distribuição gratuita de brindes a todos os nossos freguezes.

COLLECÇÃO HISTORICA

Historia Popular da Prostituição

Desde os tempos mais remotos até á actualidade

A obra com que iniciamos a «Collecção Historica» constitue o que, sem receio, poderemos chamar uma verdadeira obra prima de erudição e um livro de incontestavel valor, pelo que contem de preciosos elementos para o estudo da: diferentes camadas sociais em todas as grandes epochas da Historia

A edição da «Collecção Historica» será, como todas as sahidas da nossa casa editora, esmerada e acceffivel, pela modicidade do custo, aos menos abonados.

Mensalmente publicaremos um volume, *formato 4.º gr.*, primorosamente illustrado, custando apenas

300 RS. o volume brochado RS. 300



A INVASÃO AMARELLA

Pelo Capitão DANRIT

Edição popular magnificamente illustrada e esmeradamente impressa

A Invasão Amarella

que será publicada quinzenalmente, n'um formato elegante, em bom papel e magnificamente illustrada, custará o modico preço de

RS. 60

CADA NUMERO CONTENDO SEMPRE
UM EPISODIO COMPLETO

RS. 60

recebem-se desde já assignaturas na

Typographia Luzitana Editora, 11, R. Ivens, 13

RENÉ EMERY

Santa Maria Magdalena

Explendido romance biblico, cheio dos mais imprevistos lances, e do qual se destaca a figura primordial de *Maria de Magdala*, a cortezá da Galileia, depois santificada pela egreja.

TITULOS DOS LIVROS EM QUE SE DIVIDE A OBRA

- I—Paschoa da formosura. II—Chammas da voluptuosidade. III—Moab, terra da luxuria. IV—Pela senda do amor. V—Beijo supremo.

A obra completa n'um elegante volume de perto de 400 pag.
e capa artistica a 5 cores, 700 rs.